

nos C-92.568950

**BIBLIOTECA
UNEMAT**

Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT

RG N.º 00013732

Data 06 106 12008

() Compra (x) Doação () Permuta

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITARIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

LUCIANE FATIMA GOMES SILVA

O PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO EM MACBETH DE WILLIAM SHAKESPEARE

82.09
5586)p
ex.01

LUCIANE FATIMA GOMES SILVA

O PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO EM MACBETH DE WILLIAM SHAKESPEARE

Monografia de Conclusão de Curso de graduação em letras,
apresentada ao Departamento de Letras (DL) da
Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus
Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial
para obtenção do título de graduando em Letras.
Orientadora: Profª Érika Regina Souza.

BANCA EXAMINADORA

Local e data da aprovação: _____ / ____ / ____

Orientadora: Érika Regina Souza
Departamento de Letras
UNEMAT

Membro: Walmira Sodré Austríaco Moraes
Departamento de Letras
UNEMAT

Membro: Carrmenzir Artuso
Departamento de Letras
UNEMAT

Dedico este trabalho ao meu Deus que em todos os momentos me capacitou, aos meus pais Juscelino e Elizabeth que sempre me estimularam a prevalecer em meio às dificuldades, a meus amigos, em especial Soeli que sempre me incentivou a lutar até os últimos momentos e meus irmãos Vladimir, Walter e Weider que me ajudaram com palavras fortalecedoras. A todas as pessoas que me ajudaram ficam os meus sinceros agradecimentos.

Espero toda honra e toda glória ao meu Deus, pois dele
vém a sabedoria e ele deu-me para que eu perseverasse
vehemente até o fim. Agradeço aos sábios professores que
desde o início do curso contribuíram para a minha formação,
em especial minha orientadora prof. Evika que ajudou
eustanhando-me, a prof. Vandelluce que despertou em mim a
paixão por literatura inglesa, e também aos outros: Octav,
Renie, Madalena Caroli, Lara, Selma Michy,
Sabina, Isaac Newton, Gabriel Ina Carlos, Eliane de
Almeida, Acácia, Fregia Vargas, José Antônio, Ana
Maria, Eliangela, Mérica, Carmemgir, Ricardo,
Renata, Jocineide, Elair, Cleber, Aquel, Rosideama, os
meus amigos agradecimentos por todas as momentos de
dedicação.

"Por que o senhor dá a sabedoria; da sua boca é que vem o conhecimento e o entendimento. Ele reserva a verdadeira sabedoria para os retos".

Provérbios (2-6)

"Como o inferno e a perdição nunca se fartam, assim os olhos do homem nunca se satisfazem."

Provérbios (27-28)

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar o processo de humanização na peça *Macbeth* de Shakespeare. E a partir desse pressuposto abordarei a tragédia grega e a inglesa para que possa observar a transformação no teatro e como o caráter humano dos personagens de Shakespeare podem ser vistos na atualidade, com o homem real. Através da análise dos dois principais personagens da peça *Macbeth* mostrar como Shakespeare humaniza os personagens ao tratar de todos os pontos possíveis do caráter humano.

Palavras-chave: tragédia, humanização, personagens, imaginação, ambição, sangue, caráter.

SUMÁRIO

Introdução.....	08
I – TRAGÉDIA GREGA X TRAGÉDIA DE SHAKESPEARE.....	09
1.1 A configuração da tragédia em Shakespeare.....	09
1.2 O mítico na tragédia.....	17
1.3 Macbeth.....	21
II - A HUMANIZAÇÃO EM MACBETH E LADY MACBETH.....	24
2.1 O mover de uma mente imaginável, ambiciosa e sanguinária.....	24
2.2 Lady Macbeth a expressão do poder feminino.....	40
Considerações Finais.....	51
Referências Bibliográficas.....	53

INTRODUÇÃO

Este presente estudo tem como objetivo analisar o processo de humanização na tragédia *Macbeth*, de Shakespeare. Para isso questionamos O que pensar sobre *Macbeth* hoje? O que o personagem Macbeth nos faz pensar em relação à ambição, à imaginação e ao sangue?

E ao mesmo tempo pensar na maneira que o poder feminino se sobressaiu, mesmo com tanto preconceito.

O que me levou à escolha deste assunto e a repensá-lo, foi uma grande comoção. Comoção entendida no sentido de abalo, perturbação, por ver como o homem vem se destruindo devido o caráter, que só o leva a cometer coisas abomináveis.

Para sua concepção, foram usadas várias teorias e críticas literárias, para estabelecermos a visão dos teóricos e críticos a respeito da peça analisada.

No primeiro capítulo discutimos alguns aspectos da tragédia antes de Shakespeare. Enfocamos detalhes da tragédia grega e da tragédia inglesa. Em seguida, apresentamos uma descrição do mítico na tragédia. E por último, fizemos um resumo da peça analisada.

No segundo capítulo temos a análise do processo de humanização nos dois principais personagens da peça, o personagem Macbeth e sua esposa Lady Macbeth. O texto tem uma descrição minuciosa dos atos que levam os personagens a serem considerados seres humanizados dentro da peça.

E por último, o trabalho mostra-nos nas considerações finais que os personagens apesar de serem seres fictícios, são imagem do homem real e, que diante de todos os atos cometidos podem ser igualados aos seres humanos.

I - TRAGÉDIA GREGA X A TRAGÉDIA DE SHAKESPEARE

1.1 A configuração da tragédia em Shakespeare

O objetivo será falar sobre as realizações que o maior dramaturgo da Inglaterra conquistou nos palcos através de suas peças que se tornaram modelo, pois expressavam sempre através dos seus personagens o que ocorria com o ser humano. Shakespeare foi e continuará sendo o maior dramaturgo do mundo, pois suas tragédias não eram apenas representação de homens em cena, mas eram cenas que demonstravam a realidade dos homens da época ao tratar do caráter do homem em toda a sua existência.

O autor não copiou as regras que Aristóteles deixou na sua poética, mas com um jeito “atrevido” colocou em prática seus próprios talentos e fez da tragédia um novo enriquecimento para o público que prestigiava suas peças com todo o gosto.

Aristóteles tinha uma regra de tragédia e os gregos seguiam fielmente, mas Shakespeare não seguia modelos, não rejeitou o que Aristóteles escreveu, ao contrário, ele enriquece a definição de Aristóteles sobre a tragédia e o faz com peças maravilhosas as quais se destacaram sempre com críticas positivas e com um público cada dia mais numeroso. Vejamos nesse primeiro momento como Aristóteles define a tragédia e no decorrer do texto veremos como os homens em Shakespeare superam a representação que Aristóteles define como uma regra a ser seguida:

Tragédia é a representação de uma ação elevada, de alguma extensão e completa, em linguagem adornada, distribuídos os adornos por todas as partes, com atores atuando e não narrando; e que, despertando piedade e temor, tem por resultado a catarse dessas emoções. (Poética, VI-26)

Detentor de grandes idéias e extremamente observador da conduta humana, como afirma os registros sobre seu comportamento, Aristóteles concluiu que o espetáculo trágico para se tornar uma obra de arte deveria provocar a catarse, isto é, a purgação das emoções dos

espectadores. Para o filósofo, essa purgação de emoções funcionava como uma espécie de remédio da alma, de modo, que as pessoas do auditório expelisser suas próprias dores ao assistirem o desenrolar da trama que sempre gira em torno do fim do herói trágico. O herói tinha que representar homens melhores do que as pessoas comuns, além de seu destino ser governado por deuses.

A observação a respeito de alguns aspectos da tragédia na visão de Aristóteles é de suma importância para destacarmos as transformações ocorridas na representação do trágico ao chegar aos domínios no palco renascentista.

Vemos alguns caracteres de Aristóteles nas tragédias de Shakespeare, pois a tragédia para Aristóteles ocorria devido à falha trágica do herói, em Shakespeare veremos que o herói ocasiona sua queda por uma falha trágica, desse modo percebe-se que Shakespeare não abandona totalmente as regras de Aristóteles.

Porém apesar desse detalhe, em Shakespeare, observa-se uma transformação evidente, a maior oferecida partiu do fato deste centralizar a peça no caráter humano da personagem e não mais em suas ações contagiadas por ordens indissolúveis como, os poderes divinos dos deuses. Rosenfeld salienta: *O céu afigura-se remoto no mundo Shakespeariano, os poderes divinos indiferentes ante o destino dos personagens. (1996, 132).*

Os personagens de Shakespeare representam o homem com ações elevadíssimas, suas peças são adornadas do início ao fim, não há pressa em ver suas peças serem encerradas, ao contrário, suas peças revelam-nos situações reais do ser humano.

Os atores de Shakespeare despertam o interesse do público, pois provocam emoções que a tragédia deve provocar e despertam sentimentos de piedade e temor levando-os a sentirem-se participantes das cenas, pois com um jeito inovador consegue agradar a platéia, que o acompanhava para vê-lo e assistir suas belas e sombrias tragédias.

Mas Antes de falarmos sobre as suas realizações, em primeiro lugar vamos entender como se iniciou o período tido como início de encenações e representações nos palcos elisabetanos.

Desse modo entenderemos o início de um grande marco no teatro e no futuro dos escritores que a cada dia aprimoravam mais a arte de escrever e de colocar nos palcos homens ao encenar situações fantásticas e inesquecíveis.

Através desse retrospecto, mostrar também como Shakespeare ao longo de sua vida desbravou caminhos que antes eram apenas trilhos.

O drama inglês não começou com toda a totalidade que vemos em Shakespeare, de acordo com Burgess o drama inglês *começou nas antigas escolas de direito de Londres, começa com tragédias escritas por cavalheiros que nas horas livres, tentavam copiar Sêneca* (1996,74). A primeira tragédia a ser escrita foi Gorboduc de Tomas Norton e Thomas Sockville encenado na Inner Templer, uma das antigas escolas de direito de Londres em 1562, praticamente copiado dos modelos de Sêneca produziram algumas peças. Essas tragédias não expressavam no palco nenhum tipo de ações violentas. As ações violentas eram expressas apenas por palavras, pois respeitavam a tradição que seguiam de Sêneca.

Mas os autores não ficam presos em apenas copiar as regras dos gregos, viram com os italianos uma nova visão, desse modo começaram a escrever peças onde o homem era projetado como o centro das tragédias, pois essa nova visão colocava em destaque a personalidade, caráter e o psicológico do indivíduo dentro das cenas, Rosenfeld salienta sobre este novo palco vejam:

O homem adquire neste novo palco sucessivo importância e autonomia maiores [...] tudo é projetado a partir do homem; o indivíduo, seu caráter, sua psicologia, tornam-se paulatinamente o eixo do mundo. (1996, 130)

A partir desta nova visão que os italianos aderiram ao teatro, os elisabetanos alcançam um novo caminho e vêem-se, os novos planos já não serão determinados e nem representados segundo os acontecimentos divinos, mas tudo se dará numa perspectiva nova e ampla, que alcançará um mundo novo para o teatro. Vejam como Rosenfeld define a nova dimensão que o teatro elisabetano conquista:

Os lugares sucedem-se num tempo irrecuperável; a ação tem plena atualidade e unicidade dramática; os heróis vivem a sua vida, que já não é episódio, parte e reflexo da história sagrada: vivem-na aqui e agora. hic et nunc, num universo que não é mais "explicado", transparente e ordenado, mas que, particularmente nas grandes tragédias, parece por vezes um mundo visto a partir da perspectiva subjetiva e angustiada dos heróis. Com efeito, cada peça de Shakespeare apresenta como que um mundo novo, diverso dos outros, visto a partir de um novo ângulo. Falta à moldura estável da cosmologia cristã, a ordem predeterminada. (1996, 130-131)

Uma nova visão já havia surgido no meio elisabetano, novos acontecimentos começavam a mudar certas características medievais. Com o novo período do renascimento os autores colocavam o homem concentrado na vida terrena, uma vida que não os prendia a valores divinos e busca pelo além, mas que procurava sempre destacar que o importante é o agora e não a angústia de se esperar pela justificação divina

Sabe-se que a relação entre deuses e homem vem de muito tempo, os autores introduziram em suas tragédias o que os homens acreditavam e tinham fé, ou seja, retratavam o poder e o respeito que os homens deveriam ter com os deuses e com ordens que acreditavam ser divinas.

Os autores começaram a produzir peças que retratavam as dores do ser humano e o que passariam se não obedecessem as ordens dos deuses. É de se observar também, que os homens sofriam por motivos que desconheciam, pois os deuses consideravam o pecado, mas o homem não tinha noção do motivo pelo qual estavam sendo castigados.

Vemos em “Édipo rei”, que Édipo não sabia que o homem a quem matara era seu pai e que a mulher com quem casara era sua mãe, mesmo assim ele sofreu severamente pelo seu erro. O velho Édipo vagueia pelo mundo afora, sozinho guia-se para o bosque e ninguém mais volta a vê-lo, morre exilado da pátria e cego, Sófocles o coloca como o homem sofredor que cumpre o seu destino e realiza a si próprio. Vê-se que os homens em Sófocles se destacavam por cumprir o destino através da conquista divina que os consagrava e os aproximava dos deuses. Jaeger Wilhelm no seu estudo sobre o homem trágico de Sófocles salienta:

Tão incompreensível como a senda da dor, pela qual a divindade conduz Édipo, é o milagre da salvação que no fim o espera. Não há olhos mortais que possam ver este mistério. Só se pode participar nele por meio da consagração à dor. Não se pode saber como, mas a consagração à dor aproxima-o dos deuses e separa-o do resto dos homens. (1994, 334)

Percebe-se que os deuses não davam aos homens a chance de decidirem e viverem de acordo com suas vontades, mas decidiam a vida dos homens e o seu destino sempre era trágico, pois os deuses não tinham piedade de ninguém, agiam com autoridade e soberania, as pessoas tinham medo de transgredirem as leis divinas. O homem era totalmente dominado, cumpriam o seu destino feliz, pois era por meio da dor que eles se aproximariam dos deuses e seriam

tinham medo de transgredirem as leis divinas. O homem era totalmente dominado, cumpriam o seu destino feliz, pois era por meio da dor que eles se aproximariam dos deuses e seriam separados do resto dos homens. Vê-se que os deuses eram o centro das peças gregas, diferentemente das peças inglesas que colocavam os homens como centro da tragédia, Burgess discorre sobre essa diferença dos heróis gregos e shakespearianos:

[...] há uma grande diferença entre a concepção grega da tragédia e a shakespeariana. O herói shakespeariano tem o poder da escolha: ele tem livre arbítrio. São suas próprias falhas que acarretam sua queda. Mas com os heróis da tragédia grega não há livre arbítrio. Os deuses controlam o destino de um homem, e não se pode lutar contra. (1996,60)

Nota-se que há uma grande distância entre o modelo grego e o de Shakespeare, a presença contínua dos deuses não terá continuação em Shakespeare, pois trabalha o caráter do homem, as emoções, os erros, os acertos. O homem controla o seu destino, a vida é vivida como o homem quer, pois há o livre arbítrio, é trágico por motivos hediondos, mas buscam o que realmente consideram a felicidade e isso os faz maiores, o poder de escolherem o que querem para suas vidas, sem se importarem quais serão as consequências dos seus atos, vejamos em Burgess:

É por causa dessa grande diferença entre a visão grega da vida e a visão cristã da vida, a diferença entre destino e livre arbítrio, que as tragédias gregas tiveram tão pouca influência sobre o drama inglês. (1996,60)

Na tragédia inglesa não vemos os deuses introduzir o caráter do homem, nem comandar as ações do homem, mas o próprio homem decide o seu futuro, define seu caráter, sendo bom ou ruim, define o seu destino trágico ou não, pois é de acordo com as próprias ações almejará o seu futuro glorioso ou não.

Shakespeare fazia sua tragédia para o público e colocava em cena homens que demonstravam através de suas ações o ser humano com suas emoções e fraquezas ocultas e sombrias, diferentemente das gregas, pois os personagens não decidiam seu futuro e nem o que iriam viver, mas tudo era determinado pelo desejo dos deuses que não demonstravam pena de

alguém. Os gregos destacavam em suas peças os deuses, pois o homem era considerado fraco, a felicidade deles era cumprir os desígnios dos deuses.

Burgess afirma que, o que realmente atraía os ingleses eram as peças do teatro italiano e que Sêneca foi o modelo para que eles pudessem escrever suas peças. Não que Sêneca não falasse sobre os deuses, mas nas suas peças o homem não é totalmente dominado por eles, o homem mesmo ao sofrer com as determinações divinas mantém sua cabeça erguida e não se coloca destruído e sem ação.

É isso que os ingleses vêem em Sêneca, essa novidade de não copiar dos gregos, mas inovar e colocar o homem na cena não como um ser inerte, que só age de acordo com as vontades divinas, mesmo que os deuses os esmaguem e os destruam, ainda assim, eles dentro de si dizem somos melhores, essa pequena mudança de Sêneca permitiu que os ingleses mais propriamente Shakespeare, enxergasse um novo estilo e desse um novo rumo para as peças de teatro.

Acredito que Sêneca fez os homens verem dentro deles uma coragem de enxergarem e acreditarem que eram melhores, Shakespeare fez essa coragem oculta explodir e ser expressa exteriormente, desse modo, vemos em Shakespeare que os homens não são mais dominados por deuses, eles têm o livre arbítrio, não tem mais que se preocupar em agradá-los e em manter o medo e a falta de ação, pois eles passam a agir como homens e assim se configura um novo estilo de tragédia.

O público que antes já estava acostumado com a mesmice vê em Shakespeare, um desconhecido, um novo drama, capaz de mover e de levar para o palco homens com histórias reais e que representavam uma sociedade que escondia suas sensações e desejos, que não mostrava realmente o seu verdadeiro caráter.

Vemos em Shakespeare homens que sofrem o trágico, não tem medo de agir, vão em busca do seu destino, o destino que eles mesmos traçam, sem a ajuda ou intervenção dos deuses, um destino incerto, no qual não há preocupação com o futuro, há somente a certeza deste mundo onde se vive e sofre, Rosenfeld relata sobre isso, vejam:

As desgraças que se abatem sobre os heróis trágicos de Shakespeare não parecem preparação para a vida futura. São condições inescapáveis do único mundo em que, sem dúvida, vivem e sofrem. (1996, 132)

Não há máscaras em Shakespeare, não há um modelo de homem, não há pessoas perfeitas que nunca erram homens, mulheres erram e pagam por seus erros, sabendo por que sofrem.

Outra coisa que os ingleses gostavam em Sêneca, é que os personagens eram sanguinários e isso era novidade também, apesar de que, é em Shakespeare que veremos essa marca do sangue principalmente na tragédia em destaque nessa pesquisa, Burgess comenta essa violência inovadora em Sêneca vejamos:

As linguagens de Sêneca contem mais atividade do que a dos grandes gregos tem uma violência, uma sanguinolência que atraia os dramaturgos elisabetanos bem mais do que a dignidade de Eurípides ou de Sófocles. (1996,61)

Perceberemos na tragédia *Macbeth*, como Shakespeare surpreende o público ao colocar em cena crimes sanguinário e mentes totalmente sombrias sem sentimentos bons, personagens que maquinam friamente mortes e tem veemente nas mãos o desejo de mais sangue. É uma tragédia maravilhosa que trás em cena o homem cruel como jamais outro autor havia criado.

Outra novidade na tragédia foi à questão do tempo, Shakespeare não se preocupava em manter seus personagens presos a um mesmo lugar, os seus personagens movimentam de um lugar a outro, a peça não ocorre apenas em uma mesma cidade, em apenas um dia, mas passa com movimentos e ações encantadoras, diferentemente das tragédias gregas.

De acordo com Burgess nas tragédias gregas havia certa unidade dramática, do qual tudo ocorria apenas em um único dia. Para os gregos havia dificuldade em apresentar peças que se passassem dias ou mesmo que levassem os personagens a outras cidades, pois era difícil e não tornaria a peça tão real por se tratar de uma representação no palco, além disso, seria difícil consolidar várias situações em momentos e lugares distintos. Vejamos o que Burgess ressalta sobre essa questão do tempo:

[...] O trágico grego não se permite qualquer distração [...] e deseja que sua ação seja um todo continuo, o que significa não expandir a historia ao longo de varias semanas, meses ou anos, pois semanas, meses e anos não podem ser retratados de forma realista no palco. Surgem daí as tradicionais "unidades" do drama grego-uma trama, um dia...

Mas Shakespeare não tinha paciência para essas restrições formais; unidades nada significavam para ele. (1996,61).

Se nas peças gregas não vemos essa visão de viagens dos personagens por medo de dar uma imagem não realista no palco, em Shakespeare observamos um atrevimento, pois ele rompe com a possível impressão. Faz algo maravilhoso de se ver, os seus homens em cena viajam e não vemos falar que as representações não eram realistas, ao contrário, os teóricos admiram-no. Ao lê-las percebemos a emoção que os personagens passam para o público, pois mesmo lendo as suas peças, podemos sentir a peça viva e encenada nos palcos da Inglaterra.

Sentimos os personagens próximos de nós, uma vez que suas peças expressam a realidade do ser humano, sem esconder a frieza oculta no íntimo e sem ter medo de constranger as pessoas. Ele cada dia e a cada peça conquistou o seu público e nos conquista, pois quanto mais lemos suas peças mais nos encantamos com sua totalidade nos palcos.

Em Shakespeare, não há problemas em ouvir um diálogo extenso ou curto, com palavras difíceis ou fáceis, encanta-nos a maneira como sabe usar as palavras, ao introduzi-las em um contexto tão real e tão maravilhoso de se ouvir, ver e ler. Vemos que as palavras têm a maior importância para o autor e ele nos encanta com seus diálogos e Burgess acrescenta que:

As palavras têm a maior importância para Shakespeare, não apenas, ou mesmo basicamente, o significado das palavras, mas o som das palavras. Shakespeare queria martelar ou cortejar ou encantar os ouvidos de sua platéia com a linguagem, e, em qualquer uma de suas peças, as primeiras ou as últimas, o tesouro das palavras se abre por inteiro. (1996,91)

Shakespeare revela-nos em suas peças não ser apenas mais um que escrevia, mas era mais um que ficaria para a história, tem a consagração, ele não viveu para ver, porém merece o nobre título de cânone, merece ser estudado e ser sempre lembrado como o consagrado William Shakespeare. Bloom ressalta que: *Nenhum outro escritor jamais teve nada semelhante aos recursos de linguagem de Shakespeare.* E acrescenta ao afirmar; *Eu poria a chave para a posição central de Shakespeare no cânone [...] Shakespeare ultrapassa todos os outros rivais (1994,54).*

Shakespeare não escrevia apenas para os pobres, mas também para os “almofadinhas”, no palco temos uma linguagem rápida, precisa e que desperta o interesse tanto do público como dos plebeus da época. Encanta-nos Shakespeare não ter medo de falar, coloca em cena o que realmente demonstrava o caráter do homem. Em Shakespeare todo o medo é quebrado, pois o autor coloca em cena homens encenando histórias reais e o público passa a se ver em cena e ter vontade de não parar de ver suas peças.

Shakespeare ao escrever suas peças talvez nunca tivesse pensado tornariam literatura tão rica e estudada e muito menos que chegaria a ser considerado um cânone. Graças aos seus alunos suas peças foram publicadas e proporcionaram aos amantes de literatura uma riqueza que permeia pelos séculos e nunca é esquecida, pois a cada leitura descobre-se algo novo, que revela-nos como ele realmente sabia fazer do teatro uma fonte de revelações do ser humano.

Em meio a tantas dificuldades e a inveja de tantos, Shakespeare conseguiu transformar os palcos da Inglaterra em um local de espetáculos de interesse de todos os gostos, sabe-se que era pobre e que não havia cursado a faculdade. Shakespeare talvez nunca tenha tido a oportunidade de estudar profundamente as peças de Sêneca e o modelo de tragédia que estava sendo apresentado, mas pode ter ouvido e desejado fazer melhor, tentou e conseguiu, porque não há na história do teatro tragédias tão lindas e envolventes quanto às dele.

Provar-se-á como a tragédia de Shakespeare supera tudo que os outros escritores já haviam feito desde as primeiras dramatizações nos palcos elisabetanos, e como a afirmação do teórico Bloom no seu livro, “a invenção do humano”, é verídica quando diz: o que faz a diferença em Shakespeare é que ele é dono de um intelecto superior e ele criou personagens igualmente inteligentíssimos.

1.2 O mítico na tragédia

A utilização de elementos míticos na literatura é um recurso muito utilizado por autores que para despertar nossas emoções colocavam em cena homens e demonstravam medo ao se

... ..
... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

assemelharem com seres sobrenaturais. As bruxas são um bom exemplo destes seres que continuam vivos envolvidos no mistério e na fantasia do ser humano

Sobre esse fenômeno que se tornou a bruxaria pode-se dizer que a sua freqüente presença milenar em culturas distantes de seu substrato atesta a perpetuação de certas modalidades de funcionamento do espírito humano. No entanto, inúmeros trabalhos históricos, explicam que bruxaria consiste no exercício, com intenção maligna, de pretensos poderes sobrenaturais por meio de ritos mágicos e com o fim de causar malefícios a certas pessoas ou a seus bens, assim como benefícios diretos ou indiretos e faz parte dos praticantes.

O fenômeno existe desde os tempos pré-históricos e faz parte dos procedimentos de numerosas crenças animistas. Aparece na própria mitologia grega, em que a feiticeira Medeia ocupa lugar de destaque na peça de Sêneca.

A bruxaria ressurgiu e intensificou-se na Europa do século X ao XII, quando as heresias dos cátaros trouxeram de volta a crença na influência do demônio, o que favoreceu a interpretação de que a bruxaria era produto do contato com suas forças.

Realizaram-se nesse período vários processos contra bruxas, promovidos pelo poder civil. Entretanto, a questão só assumiu aspectos dramáticos a partir do século XIV, quando a igreja implantou os tribunais da inquisição católica para reprimir tanto a disseminação das seitas heréticas como a prática de magia e outros comportamentos considerados pecaminosos. Ao dar especial relevo ao problema, a perseguição contribui para que ele adquirisse ainda maiores proporções. Nessa época, o fenômeno freqüentemente se caracterizou como manifestação coletiva, de grandes dimensões e profunda repercussão na vida religiosa, no direito penal, nas artes e na literatura.

Daí em diante, à medida que proliferaram os tribunais da inquisição, os processos aumentaram rapidamente. A acusação sistemática só se verificou na época considerada a última fase da idade média, o fim do século XV.

A época da verdadeira epidemia de bruxas foi no contexto da reforma e da contra reforma. Ainda que, como nos outros casos, implicasse a prática da magia, incluía quase sempre a invocação do demônio e a mobilização de seus poderes, o que a associava a concepção do mal na teologia cristã e a tornava um desafio à moralidade religiosa. Apareceram então os grandes demolizadores da demonologia. Nessa fase, a bruxaria tornou-se tema freqüente na literatura e

nas artes plásticas: sobressaíram, por exemplo, Macbeth a obra em destaque, uma das mais celebres tragédias de Shakespeare.

As bruxas têm em Macbeth um papel muito importante, pois é através delas que veremos os pensamentos de Macbeth e assassinatos mais cruéis sendo aflorados e trabalhados na peça. Mas o que mais impressiona ao falar das bruxas nessa peça é que há aparições horríveis que exploram um lado sombrio e totalmente demoníaco, vejamos algumas das aparições:

Trovão. Primeira aparição, uma cabeça armada de capacete

Trovão. Segunda aparição, uma criança ensangüentada.

Trovão. Terceira aparição, uma criança coroada, com uma árvore na mão.

Oito reis desfilam, o ultimo dos quais trazendo na mão um espelho. Acompanha-os o espectro de Banquo. (Shakespeare, 1997, 72 a 74)

O uso do caldeirão, a aparência feia e quase sem identificação de sexo, a chameca onde ficavam, os ingredientes adicionados no caldeirão tudo é muito assustador e aterrorizante, pois Shakespeare representa através dos seus personagens situações negras e fatídicas, ao tratar do homem envolvido com este tipo de ser sobrenatural. Vejamos um momento no qual as bruxas fazem uma porção:

Caverna. No centro, um caldeirão fervendo

(Trovão. Entram as três bruxas)

Borbulhe a papa ao fogacho: arda a brasa e espume o tacho!

Rabo de víbora, dardo de venenoso moscardo, fel de bode, unto de bicha, pernas de osga e lagartixa, asa de coruja, pêlo de rato, olho de cobrelo refervam na olha do tacho para o feitiço do diacho.

Borbulhe a papa ao fogacho: arda a brasa e espume o tacho!

Escama de drago, dente de lobo, iscas de serpente paulosa, ramos de teixo cortados no eclipse, e um queixo de sanioso tubarão, mão de rã, língua de cão, raiz de cicuta arrancada da noite pela calada, múmia de filha do demo, bofe de judeu blasfemo, beijos de mongol, focinho de turco, dedo mindinho de criancinha estrangulada ao nascer, logo jogada por uma rameira ao fosso- tudo isso dê ponto grosso e força à sopa do diacho!

Esfriai com o sangue de um símio, e eis pronto o feitiço exímio! (Shakespeare, 1997, 69 a 70)

Percebe-se que Shakespeare colocou-as em cena com todos os adornos, a imagem delas não sofre mudanças, mas o que surpreende é exatamente o fato de ele ter focado a imagem

temida por todos. Shakespeare dá um jeito para o medo ser enfrentado frente a frente, pois é como se realmente bruxas estivessem em cena.

Com o passar do tempo elas se tornaram uma espécie de mito para os seres humanos, passaram a serem inseridas nas diversas áreas da literatura. Para entendermos um pouco sobre o mito e como a bruxa passou a ser vista como um ser sobrenatural e mítico. Vejamos o que o teórico Mircea Eliade salienta:

O mito conta uma história sagrada: ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do princípio. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os entes sobrenaturais. Eles são conhecidos, sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos primórdios. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a sobrenaturalidade) de algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do sobrenatural) no mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos entes sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural. (2000:11)

O mito da bruxa surgiu com os povos celtas, acreditavam em forças sobrenaturais e muitas das mulheres desse povo praticavam as artes medicinais e conheciam ervas curativas. Essas mulheres eram consideradas como seres da fertilidade e com feminilidade aguçada e a partir disso praticavam de culto a mãe natureza, acreditava-se que teriam um bom ano para colheitas.

Em geral, acusava-se de bruxaria mulheres velhas, mas com menos frequências também jovens e excepcionalmente, homens. As acusações registradas contra essas pessoas referiam-se a toda espécie de malefícios contra a vida, a saúde e a propriedade: aborto das mulheres, impotência dos homens, doenças humanas ou do gado, catástrofes e temporais.

As bruxas eram também denunciadas por pactos com o diabo. Montadas em vassouras voariam pelos ares e se reuniriam em lugares ermos para celebrar e entregar-se a orgias. Como cultuavam satanás, considerava-se que este lhes aparecia como monstro cornudo e sequioso de sacrifícios.

Foi a partir desse povo que a bruxa ficou tão nítida na literatura, isso se percebe na obra de *Macbeth*, do qual a bruxa é configurada como um ser capaz de maldade e, através da sua imagem exterior isso pode ser comprovado, pois são sem beleza alguma.

O mito parte do pressuposto, que é configurado como modelo exemplar, ou seja, parte do sobrenatural e do mágico e, não tem contato com o mundo humano, surgiu nos primórdios com a criação do mundo, só é considerado exemplar quando faz parte do mundo sobrenatural e misterioso.

Mas alguns personagens literários são considerados mito, porque partiu de uma narrativa que nos primórdios eram contadas oralmente. Desta forma acontece com a bruxa de *Macbeth*, que é configurada em plena maldade, fez Macbeth colocar em prática sua ambição. E é essa maldade que se tornou mito no decorrer dos séculos. Conforme Mircea ressalta:

Mas contar uma história sagrada equivale a revelar um mistério, pois as personagens do mito não são seres humanos: são deuses ou Heróis civilizadores. Por esta razão sua gesta constituem mistérios: o homem não poderia conhecê-los se não lhe fossem revelados. O mito é pois a história do que se passou in illo tempore, a narração daquilo que os deuses ou os seres divinos fizeram no começo do tempo. "dizer" um mito é proclamar o que se passou ab origine. Uma vez "dito", quer dizer, revelado, o mito torna-se verdade apodítica: funda a verdade absoluta. (2001: 84)

O mito continuará a contar fatos que aconteceu nos primórdios e sempre será um modelo exemplar. A bruxa de *Macbeth*, na obra é configurada como um ser mágico e tem um contato forte com a natureza e todos os seres e entidades mágicas serão sempre consideradas como mito. A proclamação ao mito é colocada como verdade e desta maneira quando falamos das bruxas, estas são configurada como uma verdade que realmente aconteceu nos tempos misteriosos.

1.3 Macbeth

A tragédia teatral *Macbeth* escrita em 1606 é mais uma das famosas peças de Shakespeare. É uma peça profunda, sinistra e sanguinária, há uma sequência de combates e

Macbeth é Uma das peças mais curtas e mais violentas de Shakespeare, uma das peças mais concentradas, extremamente rápida desde o início da idéia de matar Duncan, até as horríveis conseqüências finais da trilha que leva Macbeth adiante. Quase tudo se passa na escuridão, não há uma peça de Shakespeare que seja mais noturna do que Macbeth.

O teórico Bloom ao salientar sobre a peça afirma que: *Macbeth apresenta uma espantosa unidade de enredo, personagens, tempo e lugar, costurados com mais pericia do que em qualquer outra peça Shakespeariana. (2000 634)*

Segundo o professor Stanley Wells do Instituto Shakespeare:

É uma história empolgante e emocionante, mas é muito mais do que isto. É uma peça que funciona em muitos níveis de uma vez e a razão de por que ela é saudada como uma grande peça ao invés de apenas um bom melodrama é o jeito que Shakespeare explora aspectos fundamentais da condição humana.

Em *Macbeth* vemos o trágico atingir pontos que outras peças não atingiu temos uma morte acarretando a outra, crianças e adultos não são poupados da maldade de Macbeth, um ser cruel que não demonstra sentimentos por mulheres ou crianças, ele fará tudo em busca da sua ambição.

A peça *Macbeth* é considerada por muitos como maldita por tratar de assuntos como o poder, ambição, morte e vingança, com texto apaixonante e extremamente atual, conduzida por personagens atormentados, contraditórios e intensos que ganham vida com tanta veracidade que sentimos conhecê-los quase pessoalmente.

Tomando como ponto de partida um fato histórico ocorrido na Escócia de 1040, Shakespeare revela toda sua maturidade como escritor e constrói uma fascinante síntese da ambição humana.

O livro narra à trajetória do general Macbeth, um corajoso cavaleiro escocês, mas que permite ser persuadido por uma combinação de forças naturais e sobrenaturais a matar o rei para conquistar para si o trono.

Tomando como ponto de partida um fato histórico ocorrido na Escócia de 1040, Shakespeare revela toda sua maturidade como escritor e constrói uma fascinante síntese da ambição humana.

O livro narra a trajetória do general Macbeth, um corajoso cavaleiro escocês, mas que permite ser persuadido por uma combinação de forças naturais e sobrenaturais a matar o rei para conquistar para si o trono.

Macbeth conta com a ajuda da esposa Lady Macbeth para colocar sua ambição e frieza em ação, mas depois de certo tempo o destino acerta suas contas. Macbeth não consegue ter um bom governo, pois está sempre rodeado pela sombra de que os seus assassinatos seriam descobertos e isto desencadeia uma série frenética de eventos que culminam na morte de tudo o que é caro a ele e finalmente o leva ao seu fim trágico.

É morto por Macduff. Barbara Heliodora salienta *o que não pode a momento algum ser esquecido é que na obra de Shakespeare, em toda a sua trajetória, não existe final feliz para o indivíduo onde há mau governo.* (1995,75)

Nessa peça vemos como Shakespeare trata do caráter humano, é uma peça envolvente, na qual vemos que se mata por medo, por poder, por honra e por revanche. É uma sucessão de cenas inesquecíveis e aterrorizantes no qual o homem é o centro de todas as ruínas.

Não ficamos com desejo que a peça acabe, pois tudo que Shakespeare trabalha na peça é muito real e faz parte do interior humano. Resta destacar que a peça envolve mistério, imaginação, sangue e muitas mortes.

II – A HUMANIZAÇÃO EM MACBETH E LADY MACBETH

2.1 O mover de uma mente imaginável, ambiciosa e sanguinária

O personagem principal Macbeth representa o homem ambicioso e imaginário. Shakespeare faz do ator um personagem que mostra para os ouvintes, e mesmo para os leitores da peça, o lado sombrio e imaginário que cada um tem, mas que escondemos por medo ou falta de coragem de expressar o que há de profundo na nossa mente. Desde o primeiro ato da peça já se percebe como a tragédia envolve assassinatos cruéis e como a tragédia é a tragédia de sangue e de ambição.

Em primeiro lugar Shakespeare estabelece Macbeth como um grande guerreiro. E aterroriza-nos, desde o início da peça, pois se apresenta um assassino cruel, percebemos isso no momento que o oficial do reino da Escócia relata para o rei Duncan como Macbeth havia matado um soldado inimigo, vejamos o momento que o oficial fala ao rei:

[...] tudo debalde, pois Macbeth (merece o nome), zombando da fortuna, e com a brandida espada, fumegante da sangrenta carnificina, abre passagem como o favorito do valor e enfrenta o miserável. Sem lhe dar bons dias, descose-o de um só golpe desde o umbigo até as queixadas, corta-lhe a cabeça, crava-a numa seteira. (Shakespeare, 1997,10).

Nesse momento, Macbeth havia matado um soldado para defender o reino, e observa-se que não tem limites para a morte, há nele um sentimento violento e o leitor percebe que a peça esta envolvida em cenas de crueldade e a partir daí é que veremos o que ele é capaz de fazer.

Sem sombra de dúvida, se verá que este assassinato é apenas o princípio de uma tragédia que é envolvida com sangue, Bloom afirma que não há em outras peças morte com um golpe tão cruel, vejamos:

Não me recordo de qualquer outra alusão, em Shakespeare, a alguém morto em consequência de um corte que o rasgasse desde o umbigo até o queixo, golpe cujo relato introduz a assombrosa ferocidade de Macbeth. (2000, 648)

No ato I, cena III, o leitor já tem indícios do que irá ocorrer nos próximos atos: nota-se neste ato a presença de seres que Shakespeare ainda não havia colocado nas suas peças, as bruxas, o público ainda iria conhecer, em “Hamlet” vemos o fantasma do rei Claudio que aparece a Hamlet depois de ter sido assassinado pelo irmão, mas não se compara as novas personagens, é através delas que Macbeth desperta sua crueldade.

A partir do que elas falam conhecemos os pensamentos cruéis que nascem na mente de Macbeth, pois mesmo que ele já ambicionasse algo, só vemo-no pensar realmente na ação depois que as bruxas revelam. Segundo Bloom, as bruxas aparecem a Macbeth por que elas o conhecem muito bem e nada acrescentam a mente de Macbeth que já é ambiciosa, ocorre é que elas o levam a se entregar inteiramente a sua ambiciosa imaginação, imaginação esta que já pensava nos atos a ele proferidos:

[...] surgem-lhe no caminho porque, com seus poderes naturais, elas o conhecem muito bem. [as bruxas nada acrescentam àquilo que já está na mente de Macbeth. No entanto, sem dúvida, levam-no a entregar-se, inteiramente, à sua ambiciosa imaginação. (2000 650)]

Macbeth é acompanhado por um cavaleiro e nobre escocês chamado Banquo, e os seres aparecem do nada e revelam que ele seria rei um dia e que Banquo embora não chegasse a ser, seria tronco de rei.

A partir da entrada das bruxas em cena, é que o caráter de Macbeth será exposto para o público, pois tudo que queria esconder dele mesmo será mostrado através do seu pensamento que estará envolvido com o futuro brilhante que tanto esperava. No momento que elas aparecem o saúda com o seu título e com o novo que ainda receberia pela sua valentia e pela morte do Tane de Cawdor, vejam o que as bruxas anunciam a Macbeth e também a Banquo:

*Salve, Macbeth! Salve, tane de Glamis!
Salve, Macbeth! Salve, tane de Cawdor!
Salve, Macbeth! Salve que reis sereis um dia*

Salve, Banquo... Serás tronco de reis, embora a rei não chegues [...].
(Shakespeare, 1997,14).

As bruxas somem, mas deixam semeado no coração de Macbeth, profecias que começam a acontecer. Aparecem dois nobres da Escócia e o saúdam com o novo título designado pelo rei Duncan de tane de Cawdor [...] *e por penhor de honra maior me ordena por ele te saudar tane de Cawdor. O título é teu* (Shakespeare, 1997,16). Depois de ouvir tal notícia percebe-se como que a imaginação de Macbeth começa a revelar-nos que anseia pela próxima revelação das bruxas a de que viria ser rei, vemos a marca da ambição dentro da cena, *Tane de Cawdor [...] E o melhor virá depois.* (Shakespeare, 1997,17).

A partir desse momento começa-se a conhecer o personagem, Shakespeare dá a oportunidade de ver-se o que esta no íntimo do personagem e surpreende o fato de Macbeth revelar todos seus desejos ambiciosos a cada momento que é exposto seu pensamento, que não é mais oculto.

A princípio há o momento no qual Macbeth fica a pensar sobre o que as bruxas haviam lhe falado, se martiriza sobre a revelação das bruxas, seus olhos já viam o que sua mente já formava a imagem de futuro rei, via que a profecia era coisa boa, pois via aquilo que sua ambição desejava. Vejam:

*Esta insinuação sobrenatural não pode ser má, não pode ser boa.
Se má, por que certeza de sucesso me dá nesse começo de verdade? Pois sou tane de Cawdor. E se boa, por que assim cedo a imagem pavorosa que os cabelos me eriça e faz meu firme coração palpitar contra as costelas fora do que é normal a natureza/ os temores presentes são mais fracos do que as horríveis imaginações. Meu pensamento, onde o assassino é ainda projeto apenas move de tal sorte a minha simples condição humana, que as faculdades se me paralisam a nada existe mais se não aquilo que não existe.* (Shakespeare, 1997,18).

Através do seu pensamento, vê-se que ele sente medo do que a sua mente já projeta, pois são pensamentos atemorizantes que o faz pensar em coisas que não eram boas, tinha consciência que era tentado a fazer algo mal e age espontaneamente seguindo sua ambição. Vejam o que salienta o prof. Stanley Wells sobre essa consciência de Macbeth:

Macbeth é admirável no sentido que é uma figura moralmente consciente. Macbeth é tentado a fazer algo maligno, mas ele sabe que é maligno. É um homem de escrúpulos morais, é verdade que esses escrúpulos são superados, mas Shakespeare os mostra muito a fundo dentro da mente de um homem que está avisado do mal, que sabe o que o mal é que é voluntariamente levado a cometer o mal, mas o faz contra o que pode ser visto como sua melhor natureza.

Macbeth a partir desse momento não para de pensar na sua ambição e tem-se a certeza, a cada fala que ele não rejeitava as profecias, ao contrário, ele se mostra cruel em seus pensamentos e nos seus planos.

Em outra cena na sala do palácio do rei Duncan, temos a notícia de que o rei pousaria na casa de Macbeth. Um fator interessante é que Macbeth pede ao rei para ir à frente avisar sua esposa [...] *quero alegrar a minha esposa anunciando que vendes. Permite-me que já me vá.* (Shakespeare, 1997,21)

Por enquanto tudo se passava de maneira comum, ele só queria avisar a esposa para não pegá-la desprevenida, porém ao vermos o que tem no pensamento fica evidente que já trama algo que seus desejos sombrios anseiam alcançar pela ambição de ser logo rei. Vejamos o que Macbeth nos relewa através dos seus pensamentos e de como já começa a ver pessoas que podem acabar com a alegria de ele vir a ser rei:

[...] o príncipe de Cumberland! Obstáculo que me fará cair, se o não transponho de um salto, pois está no meu caminho. Estrelas, ocultai os vossos raios! Não veja a luz meus negros, meus profundos desejos. Ante a mão cerrem-se os olhos, faça se, todavia, aquilo que eles tomem de ver depois praticado. (Shakespeare, 1997,21).

Macbeth já anuncia os seus desejos de praticar um ato cruel, nos fala que irá praticar algo que seus olhos vão temer, começa a desvendar o seu verdadeiro caráter. Percebe-se em Macbeth, um homem dotado de imaginações, verão que suas imaginações chegam a funcionar como profecias, pois tem imaginações tão reais e tão fortes que aquilo que pensa verão encenado. O personagem quer fazer aquilo que pensa, por mais que seja tenebroso, luta para não fazer, como se a razão lutasse contra as emoções da ambição que tanto ansiava.

Nele funciona a personalidade do homem real que tem medo de agir e dos seus próprios pensamentos, porém no fundo quer consumir todos os seus desejos. Como Shakespeare é mestre em trabalhar o caráter humano faz de seu ator um homem que não se preocupa em apenas pensar, mas que quer colocar em prática todos os seus pensamentos sombrios e invejosos passa a não se preocupar com as conseqüências apenas quer ser rei e conforme salienta Bloom:

De modo chocante, Shakespeare faz de nós Macbeths, nossa identificação com o personagem é , igualmente, involuntária e inevitável. Todos possuímos, embora em graus distinta imaginação profética, em Macbeth, esse tipo de imaginação tem um valor absoluto. O personagem nem se dá conta de uma ambição, uma aspiração, ou um desejo, e já é capaz de ver a si mesmo cometendo o crime que, equivocadamente, satisfaz a referida ambição. Macbeth aterroriza-nos, em parte, por que nossa imaginação tem um lado assustador, fazendo-nos parecer assassinos, ladrões, usurpadores ou estupradores. (2000, 633).

Bloom remete-se aqui ao personagem Macbeth e também a nós que somos em parte como o personagem de Shakespeare. Pois o autor nos assusta com situações tão cruéis, para mostrar ao público como era na realidade a mente humana e como o homem no seu íntimo é um ser cruel, mas tem medo de reagir ao que está oculto no seu pensamento. Bloom mostra-nos que também possuímos desejos e ambições como Macbeth, mas alguns não têm coragem de colocar em prática seus pensamentos cruéis.

Em *Macbeth* o leitor se surpreende a cada cena, por que tudo na peça ocorre rapidamente, a tragédia está presente desde o primeiro ato e os pensamentos de Macbeth já demonstram desde o início suas idéias assassinas e sanguinárias.

Shakespeare surpreende-nos, pois se víamos em Hamlet uma tragédia que envolve os sentimentos em busca de Hamlet vingar a morte do pai, temos em Macbeth uma frieza, não dá para sentir pena dele, pois é um assassino sem medida, sem escrúpulos, faz todas as atrocidades apenas pela ambição de ter a grandeza que tanto almeja.

Macbeth anuncia a sua esposa por carta a ida do rei para sua casa e mais, conta tudo que havia ocorrido para que a esposa ficasse atenta ao que deveriam fazer não nos atentaremos para os detalhes da esposa visto que trataremos dela mais adiante.

A ambição existente em Macbeth era tamanha que o faz esquecer-se da dignidade e dos laços de sangue que o envolvia ao rei, pois eram primos, não deseja que os acontecimentos ocorram de forma natural, pois não quer esperar para ver se chegaria a ser rei sem fazer alguma maldade. Sua ambição é tanta que prefere agir e garantir seu trono, que ganhará por meio de sangue e mais sangue. A própria esposa de Macbeth nos revela que o marido é ambicioso *és ambicioso (Shakespeare, 1997,22)*.

Para Macbeth a única coisa que importava era ter o poder em suas mãos, Lady Macbeth destaca a imagem que Macbeth deverá passar, mas qual a verdadeira que ele deverá ocultar. *há que parecer como os demais, a fim de os poder enganar; mostra-te afável no olhar, na mão, na fala. Se a inocente flor na aparência, e no íntimo-serpente! (Shakespeare, 1997,24)*.

Nesse momento Lady Macbeth fala a ele como deveria parecer diante das pessoas para não levantarem suspeitas, mas sabe-se que para ele seria fácil, pois, seus pensamentos mostraram-nos sua verdadeira face. Acho que Macbeth possuía uma face tão mascarada que nem mesmo sua esposa conhecia o marido que tinha, pois seus pensamentos demonstravam seu verdadeiro caráter, porém suas falas com a esposa o colocam como medroso covarde e sem força para cometer a atrocidade já revelada ao público. Assim como o ser humano engana as pessoas com um jeito de bonzinho, Macbeth revela ao público como que o ser humano é mentiroso e ambicioso.

Tem-se a prova do caráter frio do ser humano em nossa sociedade, todos os dias nos revelam através de crimes horríveis a verdadeira face. Há noticiários de filhos que matam pais para ficar com a herança, maridos que matam esposas cada dia cresce o número de assassinatos sanguinários na sociedade brasileira e no mundo, eles tentam defender-se e demonstrar serem pessoas boas, tentam provar para a família e para a sociedade a inocência, fingem terem sido vítimas das circunstâncias, mas ao vermos presos soltos em regime semi - aberto, temos a prova não mudam o seu caráter, cometem crimes absurdos novamente, pessoas tentam mascarar seu verdadeiro caráter, mas no fundo são ambiciosas e más desde suas primeiras ações.

Acredito que Macbeth tentava ocultar para sua própria esposa o seu verdadeiro caráter. Na realidade sua ambição era extrema, mas queria ficar livre de suspeitas. Percebe-se que ambos sabiam dos sentimentos de ambição existente em cada um.

Se não houvesse mais que praticá-lo, seria bem fazê-lo sem mais delonga. Se o golpe detivesse em suas redes todas as conseqüências, e lograsse triunfar com a morte dele; se o assassinato fosse aqui tudo e o fim de tudo-aqui, nestas praias do tempo, eu arriscaria minha vida futura. Nestes casos há aqui, porem, sentenças, de maneira que as sanguinárias instruções se voltam contra o próprio inventor; e o conteúdo da nossa copa envenenada leva-a a justiça imparcial aos nossos lábios. Ele está aqui sob dupla salvaguarda: primeiro, é meu parente e eu seu vassalo, motivos ambos poderosos contra o ato; depois, neste momento o hospede, não devo abrir suas altas funções com tal pureza, que as virtudes que o exornam clamariam como anjos clarinetes contra o crime monstruoso do seu assassinato [...]. (Shakespeare, 1997, 26-27).

No momento que ele ainda pensa, sua esposa entra e ele não comenta nada com ela. Se ele a amasse tanto assim e confiasse tanto nela contaria seus pensamentos, ao contrário, ele diz à esposa: *não é bom pensar mais nesse crime*. Não quer prosseguir com seus planos, conhece a esposa e sabe, ela tem sede de ter o que tramaram, talvez por saber disso, quis ver a reação dela no momento pelo qual decidiu desistir da trama, coloca sua nova posição como motivo para não querer cometer o crime, pois não pode causar suspeita, quer demorar um pouco na trama, vejamos:

Não vamos prosseguir nesta trama. O rei acaba de distinguir-me, e junto a toda sorte de pessoas ganhei por esse fato alto conceito, que convém gozarmos no seu lustre recente e não jogá-lo de lado tão depressa. (Shakespeare, 1997, 28).

Shakespeare dá o privilegio de se ver a imaginação perversa de Macbeth, através dos monólogos para mostrar ao público os pensamentos do personagem. Antes mesmo de cometer o assassinato do rei Duncan Macbeth já imagina o crime, como se sua imaginação funcionasse como uma espécie de presságio ou intuição do que viria a acontecer, pois mal acabar de ver uma cena aterrorizante e partirá para o crime cruel contra o rei. Vejam o momento em que ele vê a imagem de um punhal na sua frente, como que o convidando para o crime que estava prestes a cometer:

É um punhal o que enxergo, com seu cabo voltado para mim? Vem que eu te empunho! Não te seguro, é certo, mas te vejo sempre. Não és, fatal visão, sensível ao tato como à vista? Ou és apenas imaginaria criação da mente que a febre exalta? Vejo-te, contudo, tão palpável na forma como estoutro que sago neste instante. Apontas-me o caminho em que eu seguia, e de arma semelhante ia servir-me, ou bem são estes olhos um brinquedo dos meus demais sentidos, ou bem valem por eles todos: não me saís da vista, e há

agora em tua lâmina, em teu cabo gotas de sangue que antes não havia. Mas não há tal? É a trama sangüinária que toma corpo ante os meus olhos. Neste momento a natureza á como morta em metade do mundo. Hora em que os sonhos maus se insinuam sob os cortinados; em que celebra a bruxaria os ritos de Hécate pálida; e descarnado assassínio, alentado pelo lobo, seu sentinela, com furtivos passos, à semelhança do raptor Tarquinio, move-se em direção à sua vítima como um fantasma. Tu, sólida terra, firmemente assentada, oh não escutes meus passos, nem aonde eles se encaminham. Pois receio que as tuas mesmas pedras, a conversarem de meu paradeiro, roubem a esta hora o horror que ela revela! Eu ameaço e ele dorme... Um frio bafo sobre o calor da ação sopra a palavra. . (Shakespeare, 1997,32-33).

Está nítido que, para Macbeth estes presságios eram normais, ele não se assustava quando essas visões estavam a sua frente, eram alucinações que se materializavam aos seus olhos, admitia com seus atos que mantinha certa identidade com tudo o que via, por isso não demonstrava surpresa, segundo Bloom:

Macbeth está de tal modo habituado a ter visões que não demonstra surpresa ou medo diante do punhal imaginário, [...] o protagonista responde a fantasmagoria sacando o punhal e, assim, admitindo uma identidade com os seus próprios anseios proféticos. (2000, 657)

Vê-se que a imaginação de Macbeth cabe quase a um profeta, Shakespeare proporciona-nos momentos conturbadores. Há uma força em Macbeth que não conseguimos imaginar de onde veio, por que o horror contido nas suas visões e na maneira como ele lida com elas é inexplicável, tem uma mente totalmente visionária e totalmente demoníaca Bloom ao analisar as imaginações de Macbeth salienta que:

[...] a eloquência de Macbeth não lhe é inadequada; sua linguagem e imaginação convêm a um profeta, o que exacerba o horror de sua desintegração, processo ao longo do qual ele se torna o mais sangüinário dos tiranos - vilões shakespearianos. Nenhum personagem Shakespeariano é tão misterioso. Macbeth é igualmente, poeta e matador natural. (2000, 652)

Segundo Bloom antes de Shakespeare homens e mulheres foram representados, envelhecendo e morrendo, mas não se desenvolviam a partir de alterações interiores e sim em

decorrência de seu relacionamento com os deuses, mas os personagens de Shakespeare, ao contrário, se desenvolvem interiormente ao falarem consigo mesmo, vejamos o que o autor nos diz:

Em Shakespeare, os personagens não se revelam, mas se desenvolvem, e o fazem por que tem a capacidade de se auto recriarem. Às vezes, isso ocorre porque, involuntariamente, escutam a própria voz, falando consigo mesmos ou com terceiros. Para tais personagens, escutar a si mesmos constitui o nobre caminho da individualidade e nenhum outro autor, antes ou depois de Shakespeare realizou tão bem o verdadeiro milagre de criar vozes a um só tempo, tão distintas e tão internamente carentes, para seus personagens principais, que somam mais de cem, e para centenas de personagens secundários extremamente individualizados. (2000,19)

A imaginação é um meio no qual o autor encontrou para mexer com o público. Conheciam a mente de Macbeth e desse modo podiam sentir-se em cena, como se o pensamento de Macbeth revelasse aquilo que o homem esconde por medo e dúvida do que seus pensamentos acarretarão, considero a intensidade da peça na mente de Macbeth torna-se o espelho do ser humano.

Os atos sanguinários revelam que não havia sentimentos, estava totalmente cego por sua ambição e isso faz dele um ser totalmente cruel, que não agia de acordo com os sentimentos de bom caráter, mas que só revelava o quanto ele era cruel e que somente queria sua felicidade, mesmo sendo com o sangue de inocentes. Isso nos faz pensar em como tudo é tão real.

Partindo para uma comparação breve, acredito que Macbeth possui mais maldade e mais demonstração de ser demoníaco do que o satanás de Milton em “Paraíso Perdido”, pois o satanás de Milton não nos traz tanto medo quanto Macbeth. Apesar de Macbeth, ser um ser humano parece não ter sentimentos, não vemos nele sinal de bondade, já que o conhecemos desde o início através dos seus pensamentos cruéis. Já Milton coloca em cena um satanás que mais parece um coitadinho, não temos dó de Macbeth no momento de sua morte e nem da maneira como é arrancada sua cabeça, mas há pessoas que tem dó do satanás de Milton por considerar que ele no fundo era uma vítima de Deus.

Segundo Bloom, Milton detalhou tanto a história do paraíso e do pecado do homem, que fez do satanás um ser em destaque na peça, ao invés de colocá-lo como é. Milton o coloca a cima

de todas as coisas e faz o público ver um ser com sentimentos, pois ao detalhar a sua caída, diz que ele lançava os seus tristes olhos para o local onde havia caído e contempla-se sozinho em um lugar escuro e espantoso, vejam:

*Lança em roda ele então os tristes olhos
Que imensa dor e desalento atestam,
Soberba empedernida, ódio constante:
Eis quando de improviso vê, contempla,
Tão longe como os anjos ver costumam,
A terrível mansão, torva, espantosa,
Prisão de horror que imensa se arredonda
Ardendo como amplíssima fornalha.
Mas luz nenhuma dessas flamas se ergue:
Vertem somente a escuridão visível.
(Milton, 2003, 27)*

Na peça em análise, verifica-se um personagem diferente do de Milton, pois Satanás é espírito e Macbeth humano. Macbeth sendo humano nos aterroriza nos amedronta com sangue, ambição e inveja, são sentimentos reais, Macbeth agia friamente, Shakespeare o faz com os mesmos caracteres humanos, não inventa homens imortais, que somente podem ser reais dentro da peça, porém cria uma história que detalha o verdadeiro caráter humano, seu personagem é o “espelho” da sociedade.

Bloom salienta que o satanás de Milton é muito lógico, pois é um ser que já existia e não era novidade para o público cristão, conheciam a história do anjo que foi destituído e expulso do céu. Ao relatar um pouco dos dois homens mais cruéis das tragédias shakespearianas afirma que; *Shakespeare desenvolve Iago e Macbeth diante de nós enquanto Milton simplesmente presume que o leitor, sendo cristão, aceitara a história como contada inteiramente pelo lado vencedor* (1995 200)

Em Milton, tem-se a história que já existia e que todos já sabiam do vencedor. Em Shakespeare deve-se acompanhar o desenrolar da peça para descobrir o verdadeiro caráter de Macbeth e dos outros personagens.

Há em Shakespeare homens determinados a não perderem, lutam e buscam a sua felicidade, sabem conquistar o seu espaço e são capazes de ir em busca do desejo que anseiam ver concretizado, mesmo que suas escolhas os levem ao trágico enfrentam varias situações e não

sabemos qual acontecimento e nem quais os possíveis rivais até vermos o desenrolar da peça. Com respeito ao satanás de Milton, sabe-se que ele só poderá enfrentar Deus, não há uma história na qual nos envolvemos sem saber o desenrolar dos fatos, tudo acontece normalmente, não há emoção em saber o começo e o fim da peça, pois tudo é visível antes mesmo de terminarmos a leitura.

Após cometer o cruel crime contra o rei, Macbeth passa a ter outras reações, é como se diz na nossa sociedade, “depois do primeiro crime é fácil cometer o próximo”, difícil é ter coragem para começar. Macbeth se revela um ser totalmente sanguinário, logo após a morte do rei Duncan e dos camareiros do rei, ele simplesmente imagina que as pessoas oferecem algum perigo e de repente já temos a trama sanguinária do próximo assassinato.

Macbeth teme o companheiro Banquo, pois em sua imaginação relembra da profecia, que os filhos de Banquo seriam rei, porém ele apenas seria rei, sem profecias de descendentes, no momento que pensa sobre o temor oferecido por Banquo, revela-nos discretamente o ódio de não ter descendentes.

Macbeth não podia ter filhos e desse modo não haveria descendente proveniente dele, mas sim de outro, e isso o faz ficar intrigado e com a certeza que se Banquo e os descendentes dele permanecessem vivos trariam problemas a ele.

Macbeth fica irritado, pois foi ele quem cometeu o crime para se tornar rei e segundo seu pensamento cruel, não permitiria que outro ficasse em seu lugar sendo que sujou suas mãos de sangue e assim não foi difícil para o público descobrir, os próximos a morrer seriam os possíveis substitutos de Macbeth no trono, Banquo e Fleance.

Percebe-se através do pensamento de Macbeth, além de ser um ser ambicioso é também invejoso, pois ele não aceita a idéia de os filhos de Banquo serem uma linhagem de rei enquanto ele não teria o prazer de ter filhos para se assentarem no trono, acredito que isso o irrita mais ainda. Vejamos o momento que Macbeth pensa no perigo que Banquo representa a ele e de como fala sobre a sua impossibilidade de não ter no trono futuros herdeiros e de como vê em Banquo um adversário:

Ser o rei não é nada: há que sê-lo sem perigo. Banquo inspira-nos medos. Nele aponta algo que é de temer: tem grande audácia; e à têmpera indomável de su'alma alia uma

prudência que encaminha o seu valor a agir com segurança. Só nele vejo alguém cuja existência me atemoriza; o gênio que preside á minha vida inclina-se ante o dele; como o de Marco Antonio ante o de César, segundo contam. Incepou sem medo as três velhas fatídicas, ouvindo-as dar-me o nome de rei, depois mandou-lhes que lhe falassem, e elas o saudaram em palavras proféticas, com o título senão de rei de pai de uma linhagem de reis: puseram sobre a minha testa uma coroa estéril, colocaram-me nas mãos um cetro que outras mãos de estranha estirpe hão de arrastar-me, nenhum filho meu sucedendo-me! E se for destarte, pelos filhos de Banquo é que manchado terei minh'alma, assassinando o nobre Duncan; por eles, que verti no cálix de minha paz rancores, só por eles! Para fazê-lo reis, reis os rebentos de Banquo!- terei dado ao inimigo da espécie humana a minha jóia imortal! (Shakespeare, 1997,49).

O que Macbeth temia era perder o trono que havia conquistado pelo sangue de outro, e mais teme que todo seu sacrifício tenha sido para colocar a linhagem de Banquo no trono.

Para a trama do próximo crime, notar-se-á que ele não pedirá mais opinião da esposa, quase nem fala mais com ela. Acredito que no espaço de tempo entre a morte do rei e de sua nomeação, estava tão envolvido com a empolgação de seu sucesso e de ter seu ego valorizado por ser o novo rei, que deixou a esposa um pouco de lado.

O prof. Stanley Wells ao analisar o relacionamento de Macbeth e Lady Macbeth salienta que; *È um relacionamento que racha, depois do assassinato de Duncan, ele começa a acabar, Macbeth parece sentir necessário agir sozinho e Lady Macbeth desaparece do quadro.* Segundo o Dr. Robertt Snallwood, *eles precisam um do outro para a primeira fase da peça, percebe-se que depois se distanciam e Macbeth decide continuar a trama sozinho.*

Se analisar os mais cruéis criminosos, ver-se-ia que eles também começaram com um pouco de receio e depois de haverem tido sucesso no primeiro, desencadeiam os futuros com muito mais frieza. No primeiro momento Macbeth preocupa-se e pensa demais no que fazer nos próximos assassinatos pensa e, de fato, no próximo momento vê-se a morte de pessoas inocentes, mas sendo rei, usa o poder para colocar pessoas do seu lado e fazer com que outros cometam crimes, sem precisar de ele mesmo sujar suas mãos.

Shakespeare trata o caráter mal do homem, suas atitudes em busca da felicidade, infortúnios que levam o homem a errar e a acertar, mostra com naturalidade e com amplidão, tudo que o ser humano esconde das pessoas, mas que guardam dentro delas.

Macbeth comenta sobre sua alma, momento no qual questiona o fato de ele ter matado o rei e de ter a possibilidade de outros tomarem o que de direito é dele por ter cometido o crime,

Macbeth fica a questionar em pensamentos, não aceita que tenha manchado sua alma com um assassino e depois de tudo dar ao inimigo do ser humano, sua jóia imortal, considero essa jóia sua alma.

Shakespeare não trata desse assunto detalhadamente, mas acredito que pela fala de Macbeth, revela como já manchou sua alma pelo pecado, quer usufruir o seu ato e como já tem sua jóia imortal dada ao “diabo”, não permitirá que outro roube o seu lugar no trono. E depois de pensar e se sentir tão atemorizado, ele já encomenda a morte de Banquo e do que poderia roubar seu trono que era o filho de Banquo.

Macbeth persuade os assassinos para os colocarem contra Banquo para que eles o matassem por um motivo “justo”, vejam uma de suas falas para os assassinos e como ele argumenta sobre o “inimigo” Banquo:

Ele é também meu inimigo. E tão cruenta é a nossa inimizade, que cada instante de sua vida ameaça as minhas partes vitais, e embora eu pudesse, exercendo abertamente o meu poder, varrê-lo deste mundo, sem alegar senão minha vontade, não deverei fazê-lo, todavia, em consideração de alguns amigos tanto meus como dele e cujo afeto não desejo perder; antes me importa a mim chorar-lhe a morte, eu quem o mata. (Shakespeare, 1997,51-52).

Percebe-se a falsidade de Macbeth, ao sentir que Banquo o ameaça no trono, e vendo que se o expulsasse, ele poderia falar algo que o prejudicaria, com um jeito enganador finge se de coitado e convence os assassinos a matá-los, sem pena alguma.

Macbeth não havia comunicado a esposa o seu plano cruel de assassinato, apenas diz a ela “fica inocente de o saberes, pomba querida, até o momento de o aplaudires.” fala desse modo, pois já pensa no fim de Banquo e destaca que a noite será sinistra, talvez não quisesse atormentar a mente de Lady Macbeth, com mais um assassinato, mas diz que, *as coisas começadas no mal, no mal se querem acabadas.* (Shakespeare, 1997,55).

Desse modo, revela-nos que depois de começado com atos sanguinários não pensava em parar, pois o mal envolvia outras coisas e sempre estariam sujeitos a mais situações. Estava disposto a enfrentar tudo para não perder seu trono conquistado com tanto sangue e com o custo de sua alma. Mostra não preocupar-se se vai para o céu ou para o inferno o que importa é viver

sua felicidade aqui na terra não se preocupa com o porvir mais sim com a sua sede e ambição de estar no trono e com o cedro nas mãos.

Os assassinos conseguem matar Banquo, mas o filho dele consegue fugir, quando o assassino dá a notícia a Macbeth sobre o fato ocorrido, vê-se que ele não se mostra com sentimentos de culpa ou de ressentimentos, ao contrário, mostra-se como é, um ser frio que faz tudo para proveito próprio.

Em meio a este cenário que parece tão turbulento, Shakespeare coloca em cena o espectro de Banquo, o espectro não diz nada, mas ameaça Macbeth apenas pela presença. Contudo é difícil entender por que Macbeth um homem tão cruel sinta se aterrorizado por alguns momentos.

Shakespeare demonstra através de Macbeth que o homem tem infortúnios, sofre por vários fatores, que de alguma maneira o instrui ao erro. É evidente nesta cena que Macbeth é um ser frágil tem medos, mas não permite ser acovardado pelo medo, ao contrário, o medo faz nele força para continuar com seus planos sanguinários e ambiciosos. Teme o espectro ameaçador de Banquo, mas isso não o faz fraquejar e desistir de sua coroa enfrenta suas próprias imaginações e coloca em mente que o sangue chama mais sangue e não permitirá ser intimidado por sentimentos de covardia. Vejam o momento que ele enfrenta o espectro de Banquo:

Ousarei tudo que um homem pode ousar! Vem, arremete como o hirsuto urso russo, ou como o armado rinoceronte, ou o tigre hircano! Toma todas as formas que quiseres, todas menos essa e veras: meus nervos firmes que quiseres, todos menos essa e verás: meus nervos firmes não tremerão jamais! Ou ressuscita e ousa enfrentar-me, a sós, com tua espada em lugar erno. Se eu ficar tremendo em casa, vai dizer aos quatro ventos que Macbeth é um poltrão! Some-te, sombra sinistra! Some-te daqui, fantasma sem realidade! (Shakespeare, 1997,61).

Mostra-nos que o desejo de grandeza o faz ter forças para resistir a tudo, Macbeth não se mostrará preso ao medo novamente, ao contrário, o veremos levantado, com planos cruéis que não poupará nem a vida de mulheres e crianças, ao contrário, mostrar-se-á mais cruel e sanguinário. Fala o quanto sua mão anseia por mais sangue *Haverá sangue. Dizem que o sangue pede mais sangue* (Shakespeare, 1997,62), Bloom, comenta sobre essas implicações sanguinárias de Macbeth:

Dentre todas as peças Shakespearianas, Macbeth é a grande tragédia de sangue, não apenas quanto aos assassinatos, mas quanto às implicações da sanguinária imaginação do protagonista. Macbeth, o usurpador, move-se em meio a uma fantasmagoria de sangue: sangue é o componente básico de sua imaginação. Macbeth percebe que é o sangue que lhe faz oposição, e que essa força oposta o impele a derramar mais sangue: "haverá sangue/dizem que o sangue pede sangue". (2000, 637)

Mostra-se forte e decidido a continuar em busca de sua ambição e não se importa em enfrentar novamente as bruxas que lhes apareceram antes com a profecia, está realmente em busca da felicidade a sua maneira cruel e sanguinária, mas é a felicidade que ele almeja:

Irei ver amanhã (e irei bem cedo) as três irmãs fatídicas; fa-las-ei dizer mais. Estou, já agora, decidido a saber, pelos piores meios, o pior tudo farei dobra-se ante os meus interesses: fui tão longe neste rio de sangue, que a vadeá-lo, retroceder ser-me-ia tão penoso quanto ir adiante. Estranhas coisas trago em minha mente, urgindo que as realizem, as minhas mãos, e tem que ser cumpridas sem exame. (Shakespeare, 1997, 63).

Macbeth desde o início da peça foi impulsionado para fazer aquilo que estava oculto dentro dele, mas que ele tinha medo de deixar sair, as bruxas o instigaram e fizeram com que ele pensasse em realizar os seus desejos mais ocultos. E Macbeth realizou mais um crime, foi desencadeado outros e quanto mais se sentia ameaçado mais se tornava um cruel assassino, pois não se importava em matar ninguém, faz tudo para atingir sua felicidade. O Dr. Robert Snallwood ao comentar sobre essa progressão de crimes na qual Macbeth se sucede, revela a semelhança do personagem com nós mesmos, permite desse modo ver como Shakespeare trata do homem com veracidade e semelhança real com o caráter humano:

É uma peça progressiva, da primeira idéia de poder, tomar o poder matando, matando uma vez, matando de novo, e de novo, matando mais e a pessoa começa inteiramente como um de nós, nos leva através do processo da tomada daquelas decisões que sejam, inexoravelmente, uma após outra. Uma vez cometido um crime, você tem que cometer outro para escondê-lo.

Desde o início da peça vimos o quanto Macbeth se comunica com o público de maneira envolvente, permite que conheçamos os seus pensamentos, e a cada fala divide suas sensações, e não é diferente no final ao enfrentar Malcolm, mostra-se fiel ao dizer-nos que não morrerá como covarde, antes se dispõe a morrer lutando. O Dr. Robert Snalwood discorre sobre essa extraordinária comunicação com a platéia, vejam:

Ele se destrói, é claro, mas ele se destrói num estado de comunicação com a platéia do começo ao fim dividindo com ela em cada estágio, sua consciência das conseqüências do qual ele está fazendo, numa linguagem que é totalmente muitíssima viva, extraordinariamente cativante teatralmente, capaz de praticamente contar as batidas do coração de sua própria paixão e envolvimento e emoção na experiência pela qual ele está passando.

Macbeth em sua busca inexorável pelo seu reinado envolve-se em falsas profecias que o faz cair por sua própria ingratidão e ambição desmedida. Veremos um fim trágico e feliz, pois ele não curva ao medo, não se torna um ser covarde mesmo perto da morte, ao contrário, enfrenta-a com ousadia e mesmo ao morrer não se desfez de seus desejos e nem se curvou a situações que fariam de sua vida, a história de um homem fraco nos seus últimos momentos. Vejam o momento no qual declara que não irá se entregar, mas que lutara até um dos dois ser vencedor.

Não me entrego! Não beijarei o pó aos pés do jovem Malcolm; não ouvirei os arrenegos da canalha. Que embora a Dunsiname haja o bosque de Birnam avançado, e eu te tenha ante mim, que não nasceste de nenhuma mulher, hei de bater-me até o último alento. Eis-me coberto com o meu broquel de guerra. Em guarda, pois, Macduff, e amaldiçoado o que dos dois gritar primeiro. "Basta! (Shakespeare, 1997,

Shakespeare mostra que se o homem não souber dominar seus sentimentos, acarretará conseqüências trágicas e sem volta. Macbeth não se arrependeu de nada, pagou por decidir pelos crimes, o livre arbítrio, nos dá a chance de decidirmos nosso destino e as ações que iremos cometer e também de pagarmos pelos erros.

2.2 Lady Macbeth a expressão do poder feminino

A personagem Lady Macbeth, vem comprovar a influência feminina sobre as decisões nos rumos da vida familiar e mostrar que no casamento não é só o homem que interpõem sua autoridade, mas que a mulher decide e não fica apenas a mercê das decisões do marido.

Shakespeare cria uma personagem forte que não é inferior ao marido nem subordinada a ele, instigará nele os seus desejos secretos e o fará enfrentar seus medos. Notar-se-á que a presença de Lady Macbeth nesta peça contribui para a compreensão dos valores femininos, pois no confronto entre as relações do casal se perceberá que é muito intensa a presença do poder feminino

Na época em que Shakespeare escrevia suas peças, sabe-se que quem comandava o país era uma mulher (rainha Elizabeth), mas isso com certeza não havia mudado o pensamento “machista” do homem em pensar que a mulher era necessária para cuidar do marido e dos filhos, um ser que tinha que ser totalmente submissa e voltada em agradar os desejos do marido e não tinha a liberdade de expressão como nos dias de hoje. Shakespeare cria uma personagem que não se assemelha à daquela época.

Vemos a entrada assombrante da esposa de Macbeth, não é apenas a senhora Macbeth é Lady Macbeth. Não tem apenas um papel que a coloca somente como mais uma na peça, mas tem um nome e um papel que a faz ser por alguns momentos o centro da peça de Shakespeare. Não é apenas uma mulher ao lado do marido, mas é uma personagem poderosa. Aterroriza-nos com cenas marcantes e sombrias, a qual nos mostra a força criadora das ações trágicas da peça, não a veremos tornar-se assassina, pois ela não age, não atua nas mortes com as próprias mãos, mas instiga Macbeth a agir e a cometer o terrível assassinio.

Lady Macbeth expressa à força da feminilidade, a grandeza e o horror de uma mulher firme, firme em seus propósitos, em seu modo de ser e viver, em suas convicções e sentimentos contrários a bondade. Revela o ser cruel existente em seu interior, percebemos isso logo no ato I, cena V, a primeira aparição dela se dá quando ela lê uma carta que Macbeth havia enviado ao informar que o rei Duncan pousaria em sua casa e fala também das profecias e do novo título e

veremos que isso já instiga nela idéias estranhas. Vejam o momento que ela acaba de ler a carta e qual é o seu pensamento cruel, em relação ao marido e suas fraquezas, e a profecia que ele havia recebido:

Glamis tu és Cawdor: e hás de ser o que te prometeram. Mas receio a tua natureza, por demais cheias do leite da ternura humana, para que tomes, resolutamente, o caminho mais curto. Quererias ser grande. És ambicioso. Mas te falta a malvadez que deve secundar-te. Grandeza a que aspiras, desejarias obtê-la santamente. Não quiseras trapacear, e entanto gostarias de ganhar deslealmente. Ah, grande Glamis, queres o objeto que te grita. "é assim que tens de agir", caso cobices tê-lo. E a ação que temes de fazer, tu a temes mais do que queres não vê-la feita. Vem depressa, que eu verta em teus ouvidos minha coragem, bata com o vigor de minha língua tudo o que te aparta do círculo dourado com que a sorte e a ajuda sobrenatural parecem querer-te ver coroado. (Shakespeare, 1997,22).

Lady Macbeth conhece bem o marido, sabe que ele tem vontade de ser o rei, mas também deixa nítido, ele tem ambição, mas tem medo, não tem a malvadez necessária para trapacear e conseguir logo o título de rei. É como se Macbeth fizesse tudo o que a esposa falava a ele. Vemo-na encorajá-lo através de todos os enleios femininos, desde a simpatia, rudeza e falta de sentimentalismo, veremos que ao invés retirar o esposo de sua carreira de crime, empurra-o mais para dentro, para o fundo dela, o encoraja de todas as formas para que possam juntos usufruir da ambição desejada.

Macbeth chega em casa e vemos a cena em que Lady Macbeth diz já saber que ele pensa em coisas estranhas, ela se põe como a mentora dos futuros acontecimentos, é como se o marido fizesse aquilo que ela mandasse, como se fosse um casal acostumado à mulher pensar e o homem fazer, vejam o momento que o encargo daquela noite estaria nas mãos dela:

[...] ao hospede que vem há que aprontar-se boa acolhida; fique a meu encargo a grande empresa desta noite: a que há de dar-nos nas demais noites, demais dias de nossa vida o império incontrastado. (Shakespeare, 1997,24).

[...] ao hospede que vem há que aprontar-se boa acolhida; fique a meu encargo a grande empresa desta noite: a que há de dar-nos nas demais noites, demais dias de nossa vida o império incontrastado. (Shakespeare, 1997,24).

Lady Macbeth, fala nitidamente para Macbeth, aquela noite seria a que os levaria ao império tão desejado, vemo-na dizer os planos para a noite e para o futuro dos dois, não a vemos pedir opinião, típico da mulher que mandava no marido.

A próxima conversa entre os dois já se dá com o rei em sua casa e depois do jantar. Macbeth sai da sala de jantar e Lady Macbeth vai ao seu encontro para falar da sua imprudência, pois ele deveria parecer tranqüilo e mostrar-se *“a inocente flor na aparência e no íntimo serpente”*, no momento que ela fala com ele revela não querer continuar com a trama, *“Não vamos prosseguir nesta trama”*, (Shakespeare, 1997,28).

Mostra-se um homem medroso de início, só consegue ir além com a instigação da mulher que o domina e o faz encorajar-se, pois ela fala com ele de forma arrogante e percebemos um tom de voz elevado. O ameaça com a feminilidade que a faz parecer frágil e mal amada pelo marido, pois ela tenta o persuadir duvidando do amor dele por ela:

Desde já me ponho a duvidar de teu amor. Tens medo de ser na ação o que és no desejo? Queres ter aquilo que estimas como ornato da existência, e te mostras em tua mesma estima um covarde, dizendo “não me atrevo” depois de “quero”, como o pobre gato do provérbio, que quer comer o peixe, mas sem sujar as patas? , (Shakespeare, 1997,28).

Nota-se que Lady Macbeth sabe como induzir o marido, e revela para o público até certas coisas referentes à sua intimidade com o esposo, vemos também a confirmação de que os dois já haviam conversado de novo, pois ela diz que Macbeth havia dito sim para o plano cruel contra o rei Duncan. Ela coloca em dúvida a masculinidade do marido, e se nos dias de hoje, o homem é um ser machista que não aceita ter sua masculinidade colocada em dúvida, imagina há alguns séculos atrás onde tudo era bem pior, vejamos:

Vemos que ela argumenta de todas as maneiras para encorajá-lo, faz Macbeth ficar nervoso, pois o conhecia bem e sabia que com raiva ele conseguiria colocar para fora toda a ira e desejos ocultos e assim teria força para fazer aquilo que já haviam planejado.

Depois de tanto falar, Lady Macbeth consegue que Macbeth tome coragem para colocar em prática o plano sombrio e sanguinário de morte, vejamos o momento que ele diz que já sente a firmeza da decisão e que iria cometer o crime:

Estou já agora firme na minha decisão; sinto tensa em todo o meu corpo cada fibra para cumprir o ato terrível. Vamos! Respirem inocência, enganadoras, tuas feições: falsa aparência esconda no falso coração a trama hedionda! (Shakespeare, 1997,29-30).

Inicia-se o ato II, na cena I já tem o primeiro crime cruel, Macbeth com toda a coragem e impulsionado pela esposa, só espera que ela toque o sino, para cumprir o ato cruel, e é neste espaço de tempo entre o criado deitar-se, que Lady Macbeth toca o sino, e vê-se a revelação que Macbeth deu o golpe no rei: *Um golpe, e é tudo: o sino me convida. Não o ouças, rei, rei, não o ouças, que esse toque te chama para o céu ou para o inferno! (Shakespeare, 1997,33).*

Uma cena triste acontece, na cena II, vemos que Lady está em frente aos camareiros que segundo ela estão drogados e pelo o que ela fala foi ela quem os drogou para que não vissem nada, pois ela diz: *[...] Os camareiros, bêbedos, roncam, como a zombar de seus deveres. Deitei-lhes na porção droga tão forte, que natureza e morte alteram sobre se estão vivos ou mortos. (Shakespeare, 1997,34).*

Lady Macbeth nos revela que não encontrou coragem para matar o rei Duncan, de acordo com ela, o rei parecia-se com o pai quando dormia: *se no seu sono não lembrasse tanto meu pai, tê-lo-ia eu mesma apunhalado! Meu marido! (Shakespeare, 1997,34).* Demonstra sua fraqueza a Macbeth que então já havia se tornado verdadeiramente o assassino

A partir dessa cena já notamos que Shakespeare já queria enfraquecer a personagem que até o assassinato estava tomando conta das cenas, por ser mais cruel que o personagem principal que era Macbeth, o que faz é apenas sujar as mãos de sangue ao sujar os camareiros com o sangue do rei, para a culpa cair sobre eles: *se ele sangra ainda, besuntarei de sangue as faces dos homens: é preciso que sobre eles recaia a culpa. (Shakespeare, 1997,36).*

Percebe-se que ela é a cabeça que pensa, pois a ação do crime foi Macbeth quem cometeu, mas depois do crime é ela que pensa em quem colocar a culpa, ficando para Lady Macbeth o ser que pensa deixando apenas a ação ao domínio do esposo. Embora Macbeth tenha agido segundo seu próprio interesse é Lady Macbeth quem rege sua ação, normalmente caberia ao marido as decisões e as ações, mas em *Macbeth*, vemos que Shakespeare coloca como um grande momento o poderio feminino na peça.

Na cena III do mesmo ato, temos a descoberta que o rei havia sido morto, nota-se a frieza de Macbeth e Lady Macbeth, pois agem como eles haviam dito antes com aparência de inocente, mas por dentro já eram criminosos, Macbeth por matar e Lady Macbeth por ter sido cúmplice em tudo e por ter sido a mentora de todo o plano cruel.

No momento em que Donalbain (filho do rei Duncan) entra na sala e dá a notícia da morte do pai, há a cena que Lady Macbeth faz como se realmente sentisse muito pela morte do rei e chega a encenar uma cena de desmaio por ter se horrorizado muito com a cena, *levai-me daqui, (Shakespeare, 1997,43)*. Não sabemos se realmente ela havia se sentido mal, mas o que podemos saber é que o rei já estava morto e ambos já estavam ansiosos para usurpar o trono.

Não imagino Lady Macbeth diferente das mulheres de hoje que busca o conforto. As mulheres em toda a história, sempre foram muito ambiciosas e a busca de Lady Macbeth, não era apenas a vontade de ver as profecias serem cumpridas para o marido, mas pensava nela mesma e em todas suas conquistas com o novo modelo de vida, seria tratada melhor, e teria sua beleza em destaque.

Shakespeare não a coloca como uma mulher que se dava aos prazeres, mas com certeza era vaidosa, pois o rei Duncan no momento que chega a sua casa relata a beleza de Lady Macbeth ao falar: *nobre e bela castelã (Shakespeare, 1997,25)*. Pode ser que ele como um cavaleiro fizesse este elogio, mas acredito que ele não se mostrava apenas simpático, ela com certeza era de uma beleza admirável.

A peça é sobre Macbeth, mas Lady Macbeth é uma personagem que coloca as mulheres em evidencia, Shakespeare com essa personagem nos faz entrar no universo feminino da época e se pensarmos como o teórico Bloom, veremos que em parte nos identificamos com eles até em seus atos aterrorizantes, nos identificamos com Lady Macbeth por sua pura vontade que faz o mal que desejamos parecer um bem, há um pouco de Lady Macbeth em cada um de nós, porém nossa

A peça é sobre Macbeth, mas Lady Macbeth é uma personagem que coloca as mulheres em evidência, Shakespeare com essa personagem nos faz entrar no universo feminino da época e se pensarmos como o teórico Bloom, veremos que em parte nos identificamos com eles até em seus atos aterrorizantes, nos identificamos com Lady Macbeth por sua pura vontade que faz o mal que desejamos parecer um bem, há um pouco de Lady Macbeth em cada um de nós, porém nossa moral não nos permite admitir, por que vivemos em uma sociedade que está sempre acompanhando as nossas ações e ficamos com medo de agir e sermos vítimas de situações constrangedoras, por isso paramos e pensamos no melhor a ser feito.

Lady Macbeth, e Macbeth procuraram atingir a felicidade através dos crimes, não se preocuparam com o próximo, apenas com o desejo deles mesmos, morreram ambos, mas conquistaram o desejo do coração. Foram felizes a maneira deles enquanto viveram, pois escolheram o destino trágico.

Realmente Shakespeare criou o humano, como nenhum outro havia pensado antes e em parte somos mesmo como os homens de Shakespeare. Em uma entrevista a revista veja no ano de 2001, o teórico Bloom nos fala um pouco sobre a afirmação dele em considerar Shakespeare como o inventor do humano. Vejam a pergunta do entrevistador da revista e a resposta de Bloom:

Veja: em seu livro anterior, Shakespeare a invenção do humano, o senhor afirmou que o dramaturgo William Shakespeare "inventou o humano". Poderia explicar um pouco melhor essa idéia?

Bloom- Grande parte do que consideramos uma personalidade humana foi invenção de Shakespeare. Há hábitos que desenvolvemos como o de parar de repente e escutar a nós mesmos, que só passaram a existir depois dele. Preste atenção na literatura anterior, em forma de verso, prosa ou teatro, você simplesmente não encontra monólogos interiores como os que vemos em Shakespeare. Aquilo que gostamos de chamar de nossas emoções surgiram pela primeira vez como pensamentos de Shakespeare. Nele, mais do que em qualquer outro escritor, parece que as personagens não foram inventados. É como se eles existissem desde sempre.

Bloom afirma o seu pensamento, e considera que em Shakespeare os personagens parecem não terem sido inventados, por que vemos nos personagens a imagem do homem real.

Lady Macbeth não será vista instigando Macbeth a cometer mais crimes, já havia conseguido o objetivo, talvez por isso não precisasse planejar mais assassinatos, mas de acordo com o teórico Bloom, Shakespeare a tira da peça pouco a pouco por que ela estava ofuscando o

brilho do verdadeiro herói da peça, *Lady Macbeth é personagem forte, mas Shakespeare a retira do palco* (2000, 633) e vemos a partir do assassinato do rei Duncan que Lady Macbeth, já não faz planos, mas seu marido os faz, pois depois que Shakespeare retira-a pouco a da peça a única presença marcante é Macbeth e Bloom afirma: *Depois que Lady Macbeth sai de cena, a única e grande presença no palco é Macbeth.* (2000, 634)

Shakespeare a partir do ato III, cena II, coloca Lady Macbeth com um jeito mais feminino, pois vemo-na demonstrar que tudo que fizeram de alguma maneira tinha tirado o prazer dela de viver, já começava o desenrolar do fim de Lady Macbeth, pois no momento que começa a pensar muito no ato cometido, temos indícios de que seus pensamentos já revêem o criem feito.

Percebe-se que as emoções de Lady Macbeth começam a ser tratados, pois até este momento não havia sido mostrado nenhum momento de fragilidade, mas parece que depois da morte do rei Duncan sua vida passou a ser triste e sua mente perturbada, pelo sentimento de culpa e com a sensação de que não tinha mais remédio para a sua vida. Vejam o momento que ela pensa no que fizeram e de como já vê o ocorrido como nenhum lucro:

Nada ganhamos, não, mas ao contrario,tudo perdemos quando o que queríamos, obtemos sem nenhum contentamento: mais vale ser a vítima destruída do que, por a destruir, destruir com ela o gosto de viver. Não nos preocupe o que não tem remédio. O que está feito, está feito. (Shakespeare, 1997,53).

Por um momento, ela pensa sobre sua conquista e revela que ao pensar que ganhava tudo, havia perdido, talvez por que já vivia perturbada com os pensamentos de culpa e desse modo não era feliz como pensava que seria. Já não é mais a mentora dos crimes cruéis, como havia sido no início da peça, pois Macbeth havia feito planos para a morte de Banquo, sem o consentimento dela, no momento que ele fala de estranhas coisas, ela pergunta: *que ato é esse?* (Shakespeare, 1997,55). Macbeth responde, *fica inocente de o saberes minha pomba querida, até o momento de o aplaudires,* (Shakespeare, 1997,55). Vê-se que ela não sabia do plano do marido e ele por algum motivo não quis contar-lhe, talvez por que já sabia de seus pensamentos e de seus infortúnios ocasionados pelo crime anterior. Barbara Heliodora discorre sobre como a relação do casal após o primeiro crime, vejam:

Depois da morte de Duncan eles ficam cada vez mais separados: [...] e os dois só ainda aparecem juntos, mas apenas em público, na cena do banquete, quando ela tenta encobrir o descontrole de Macbeth. A participação dela na tragédia virtualmente acabou (1995 140).

Vemo-na novamente no jantar que Macbeth havia preparado para encontrar-se com os nobres do reino. Depois dessa cena na qual Lady Macbeth, participa com o esposo das suas imaginações o acalmando, aparece no ato V, ato se anuncia que é cuidada e medicada, por estar com perturbações que fugiam do estado normal, pelo o que a dama de companhia fala ao médico, ela ficou dessa maneira depois que o marido havia ido para a guerra. Talvez a solidão tivesse-a, ter mais medo e a imaginar a cena do crime em sua frente como havia ocorrido. Heliodora ressalta sobre essa última cena na qual Lady Macbeth é o centro, pois serão suas últimas falas antes de sua morte, *Lady Macbeth só volta à cena no quinto ato, para pesadelo antes da morte. (1995, 140).*

Aproxima-se então o triste desenrolar da cruel Lady Macbeth, aparece na condição de sonâmbula, num delírio extremo, momentos em que admite o feito, o crime cruel, e se vê desesperada e pouco a pouco fala de tudo que haviam cometido. Vejam os momentos de perturbações no qual ela relata sobre tudo que haviam cometido:

Va-te, mancha maldita! Vai-te, digo!- uma duas: é tempo de pôr mãos à obra. como é lóbrego o inferno!- por quem sois meu senhor, que vergonha! Um soldado com medo?- por que havemos de recear que alguém o saiba, se ninguém nos pode pedir contas?- mas quem poderia ter imaginado que o velho tivesse tanto sangue nas veias? O tane de Fife tem esposa: onde está ela?- que coisa! Estas mãos nunca ficarão limpas?- parai com isto, meu senhor, parai com isto: esses vossos sobressaltos podem pôr tudo a perder.

Sinto ainda aqui o cheiro do sangue: nem todos os perfumes da Arábia poderão faze-lô desaparecer desta mão pequenina. Oh! Oh! Oh!

Ide lavar as vossas mãos, vesti o roupão; não vos ponhais tão pálido. - repito-vos: Banquo está enterrado, não pode sair da cova.

Deita-vos, deitai-vos: estão batendo à porta. Vinde, vinde depressa, daí-me a mão. O que está feito não pode ser desfeito. Deitai-vos, deitai-vos, deitai-vos. (Shakespeare, 1997, 92 a 94).

Segundo o prof. Stanley Wells, a cena do sonambulismo de Lady Macbeth relembra muito o jeito como Shakespeare tinha trabalhado com Macbeth no começo da peça. As

imaginações fantasiosas do rio de sangue e as manchas que não saíam das suas mãos eram insinuações quase assimilares a de Macbeth, pois no início ele tinha seus devaneios e medos e ela o estimulava, pois era importante na primeira fase da peça, mas como Shakespeare quis tira-la da peça não suprime nela os devaneios que suprimiu em Macbeth, e permite que através deles ela se mate. Vejam o que o prof. Stanley Wells Relata:

A peça continua, Lady Macbeth reage imaginativamente de um modo que lembra muito o jeito como Macbeth tinha agido no começo da peça e esta é a importância da cena do sonambulismo, e a cena do sonambulismo de Lady Macbeth nos mostra o subconsciente dela, nós podemos presumir, tinha que ser suprimido para ser exigente, na primeira parte da peça

Foi à maneira que Shakespeare encontrou de tirar Lady Macbeth da peça, ele poderia ter apenas falado que ela havia morrido, mas não, ele fez com que ela sofresse de um dos males que alguns dos personagens de Shakespeare já haviam sofrido em outras peças, Bloom ressalta sobre esses personagens: *Os parâmetros da mente enferma oscilam, constantemente, na obra Shakespeariana. Hamlet, Lear, Otelo, Leontes e Timão passam por momentos de desequilíbrio mental, (2000, 654-655).* Em meio a tantos personagens que sofreram deste mal, se vê que a única que não se recupera deste mal é Lady Macbeth, Bloom ratifica “*mas Lady Macbeth, não será permitida qualquer recuperação*” (2000 635). Lady Macbeth morre por este mal que a transtornou pouco a pouco.

Lady Macbeth ao ir em busca de sua busca de poder, se torna vítima de seus próprios atos, a mulher forte do início da peça passa a ser apenas a lembrança de alguém que morreu louca, acho que ela nunca usufruiu da vida que almejava, morreu e nem o próprio marido mostra-se triste por sua morte, ao contrário apenas diz palavras que mais parecem um poema fúnebre. Vejam suas palavras no momento que recebe a notícia da morte de sua esposa:

É morta... Não devia ser agora. Sempre seria tempo para ouvirem-se essas palavras. Amanha, volvendo trás amanha e trás amanha de novo. Vai, a pequenos passos, dia a dia, até a última sílaba do tempo inscrito. E todos nossos ontens têm alumiado aos tontos que nós somos nosso caminho para o pó da morte. Breve candeia apaga-te! Que a vida é uma sombra ambulante: um pobre ator que gesticula em cena uma hora ou

duas, depois não se ouve mais: um conto cheio de bulha e fúria, dito por um louco, significando nada. (Shakespeare, 1997, 101).

Percebe-se que a morte para Macbeth era vista como algo que todos teriam que passar, não demonstra sofrer por a esposa ter morrido, apenas faz uma bela explanação da sua visão sobre a vida e a morte. Tudo que ela havia feito para que os dois pudessem ter uma vida digna, se resume em momentos de reflexão sobre a morte, mas se Lady Macbeth morre, ela não morre sozinha na sua loucura, pois a busca pelo poder fará Macbeth cair e ter toda a sua ambição finalizada.

O que pode se tirar de lição com a personagem Lady Macbeth é que ela é uma personagem totalmente envolvente, a mente dela nos chama a atenção por que apenas pensa em conseguir seus sonhos de poder ao lado do marido. O que Lady Macbeth fez foi ir em busca do que ela considerava que seria sua felicidade, ela errou, mas com o único propósito de atingir a felicidade e esse é o ponto da tragédia para Aristóteles, a busca pela felicidade.

Shakespeare criou não apenas uma personagem que quebrou com a visão do universo feminino que se resumia na mulher vivendo para o marido e em torno dele e dos filhos, Shakespeare mostra que não precisou copiar as regras de Aristóteles para fazer tragédia, pois sua personagem nos encanta em todos os sentidos. Lady Macbeth consegue mostrar que não vivia para fazer a vontade do marido e muito menos era apenas uma mulher que serviria para ter filhos, pois na peça ela não tem filhos, ou seja, já não há a imagem de mulher mãe, mas de uma mulher diferente por ter atributos que a destacaram das outras mulheres em Shakespeare.

Há outras peças que apresentam mulheres sem atributos delicados, mas Lady Macbeth, surpreende em todos os sentidos tanto pela sua entrada triunfante e macabra no início da peça quanto na sua loucura no final da peça. Uma mulher forte e decidida revela-nos que a mulher tem muito mais para oferecer, não fica apenas como sombra do homem e nem vive como se fosse escrava do lar, mostra-nos a mulher com direito de decidir, sua voz tem que ser ouvida e não apenas ser um corpo para trabalhar, agradar ao marido e ter filhos.

Pode-se dizer que Lady Macbeth nos deixou à imagem da mulher atual que não se deixa ser dominada por opiniões, a imagem da mulher forte, enfrenta tudo para ser feliz, é feliz até o

momento que pode e não se preocupou com situações, apenas agiu detalhadamente com extremas crueldades para atingir a felicidade tão desejada.

Shakespeare nos encanta por esses personagens e por tudo que inovou com seus ideais, não há impressão de que a história foi criada apenas para ser encenada. As peças de Shakespeare tem sentido, tem verdade, pois ele tratou do que nunca mudou do caráter humano, e tudo o que escreveu faz parte de uma riqueza e não tem preço, pois Shakespeare foi como um analista da mente humana. Podemos estudá-lo e ver em suas peças a imagem real de homens que ainda são iguais, quando estão em busca de sua felicidade. Gerd Bornheim no prefácio da obra de Barbara Heliodora salienta sobre a atualidade presente nas peças de Shakespeare:

O que melhor define Shakespeare está exatamente no fato de que ele tem nas mãos o seu tempo enquanto atualidade claramente assumida... Se nós o ouvimos é por que a nossa atualidade continua sendo a mesma, em que pesem todas as metamorfoses. Shakespeare não alimenta nenhum tipo de nostalgia para o expectador de hoje, suas peças continuam sendo. (1995: XV)

Macbeth e Lady Macbeth são personagens fictícios, mas o tema usado para colocá-los em ação não é. Desse modo pode-se concordar que em Shakespeare não há temas velhos, mas há temas que encantam por tratar do homem, da mente humana de uma forma que nenhum outro havia tratado.

Vê-se que Shakespeare humaniza o homem ao tratar de assuntos evidentes do caráter humano, não há restrições e nem um modelo simbólico de imagem a ser seguido. Os personagens sofrem, lutam matam, amam, odeiam, traem, enlouquecem, mentem, fingem e enfrentam o destino que suas ações proporcionaram sendo culpados e conscientes que os erros fogem da moral humana e que sofrerão de alguma maneira caso descubram os crimes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apresentar a peça Macbeth, tivemos a idéia de prender a atenção dos leitores para uma análise criteriosa do caráter humano dentro da peça e das transformações que o teatro passou até Shakespeare.

Assim num primeiro momento, preocupamos em salientar sobre a tragédia grega e a tragédia inglesa, com o objetivo de mostrar como Shakespeare muda a maneira de fazer teatro e como coloca em cena homens que representam falas lindíssimas que retratam o homem em sua totalidade.

Shakespeare mostra que não tinha medo de escrever para chocar a sociedade, ele muda praticamente todos os ideais de tragédia, os homens são o centro da peça e não há mais a preocupação com os deuses.

Por causa dessa maneira de inventar situações diversas no teatro, vemos que Shakespeare cria homens que são modelos, por suas verossimilhanças em cena. Ele coloca homens tão reais que nos sentimos em cena e participantes dos pensamentos dos seus personagens.

Com a análise de Macbeth e Lady Macbeth, vemos que são dotados de caracteres que evidenciam sentimentos reais, é fictício, porém com falas e ações de um humano. Shakespeare dá vida a eles e os colocam melhores, pois são capazes de enfrentar situações que eles mesmos provocam, situações diversas que nos faz ver como é intrigante a sensação de estar dentro da cena e participantes de crimes cruéis.

Macbeth e Lady Macbeth mostram-nos como o ser humano possui sentimentos aterrorizantes e como ele pode lidar com os sentimentos que fogem a natureza humana, pois se em cena vemos Macbeth transformando-se mais ao revelar-se tão cruel, vemos também Banquo que não se atrai pela profecia das bruxas, não trai a sua moral e nem o rei, tem consciência do erro e não comete, mas Macbeth vai atrás do destino. Planeja os crimes com frieza e mostra-se totalmente sem escrúpulos, faz de tudo para esconder seus crimes e acaba enterrado numa terra que o odiava.

Enfim, toda a nossa análise ratifica como Shakespeare humaniza os seus personagens e como se tira deles uma expressão de que o homem não mudará, pois passados tanto tempo, os

temas tratados por ele são novos, pois não há como envelhecer temas que tem como princípio o caráter humano que jamais mudou e vê-se que dificilmente mudará.

Resta comentar que tudo o que Shakespeare deixa para os leitores é a sensação de o ser humano no fundo ter pensamentos ambiciosos e criminosos, a diferença é que alguns expõem o que querem e outros não. Alguns tiram as “máscaras”, outros vivem com ela a todo instante, enganam todos em busca de seus desejos secretos e sombrios.

Macbeth e Lady Macbeth morreram, mas a essência da representação deles permanecera sempre. Tudo que foram, serve para vermos que ações erradas sempre acarretam um fim infeliz e tudo o que sobra é a certeza que a vida passa e no final não levamos nada deste mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANATOL, Rosenfeld. *Texto/ Contexto*. Perspectiva: São Paulo, 1996.

ARISTOTELE. *Arte retórica e Arte poética*. Ediouro: Rio de Janeiro, s/d.

BURGUESS, Anthony. *A literatura Inglesa*. Ática: São Paulo, 1996.

BLOOM, Harold, *O Cânone Ocidental*. Objetiva: Rio de Janeiro. 1994.

_____, *Shakespeare: A invenção do humano*. Objetiva 2000.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Perspectiva: São Paulo, 2000.

_____, *O sagrado e o profano: a essência das religiões*, 5º Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HELIODORA, Barbara. *Falando de Shakespeare*. 1º Ed.- Perspectiva: São Paulo, 1995.

JACKSON, Russell; SMALLWOOD, Robert; STANLEY, Wells. *DVD The themes of Shakespeare*. Eagle media, ST2 video. Stratford: 1997.

MILTON, John. *Paraíso Perdido*. Martin Claret: São Paulo, 2003.

SHAKESPEARE, William, 1564-1616. "*Macbeth*"; tradução Manuel Bandeira. - Rio de Janeiro: Paz e terra, 1996- (coleção cultura).

WILHELM, Jaeger Werner, *Paidéia: a formação do homem grego*. 3º Ed.- São Paulo: Martins Fontes, 1994.